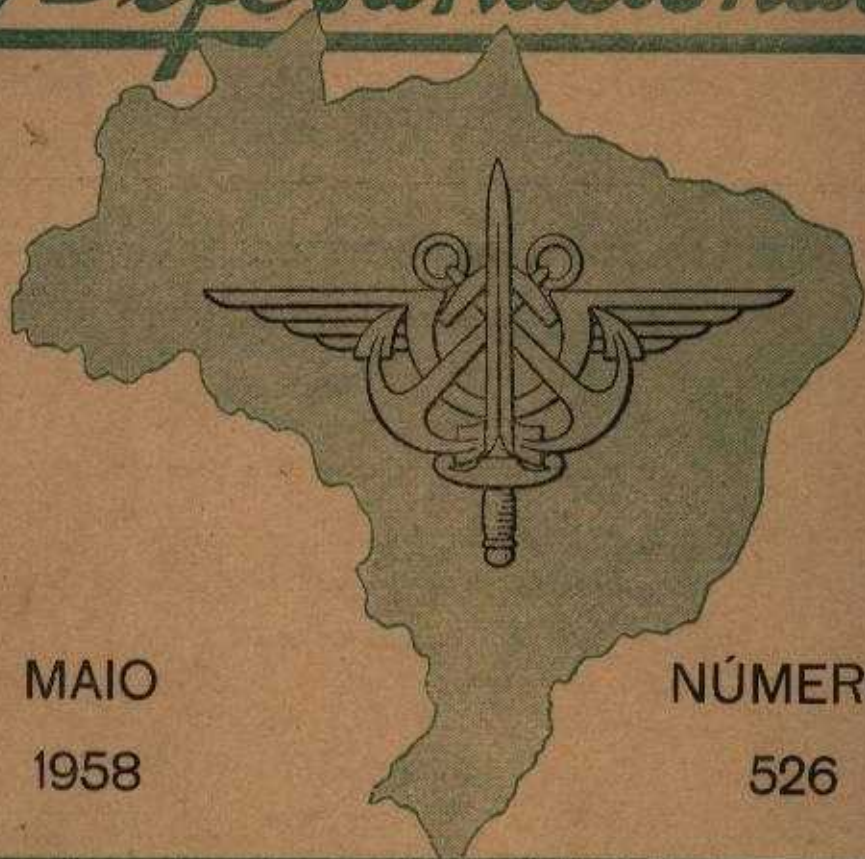


A Defesa Nacional



MAIO
1958

NÚMERO
526

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES
E
ESTUDOS BRASILEIROS

Ministério da Guerra

RIO DE JANEIRO

BRASIL

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XLV

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1950

N. 526

SUMÁRIO

	Págs.
Editorial	5
Osório (Palestra realizada na ECENE, a 8 de maio, em comemoração ao sesquicentenário do Marechal Osório, pelos Ten-Cel Afonso Von Trom- powsky e Major Moacyr Peredra)	7
Tenente-General Manoel Luiz Osório, Marquês do Herval (Transcrição do Boletim Interno da Inspetoria de Cavalaria, de 1940, comemorativa aos Chefes da Cavalaria)	15
Osório é Tuiuti (Inspetoria de Cavalaria, Boletim de 1940), Cel Nelson R. Carvalho, do IHGP	27
Evocação do General Osório (Alfredo Pereira da Conceição, Coronel de E.-M. do Exército Português)	29
Osório!... Osório!... (Cel Ref do Exército J.B. Magalhães)	31
Pensamentos e Dizeres de Osório	37
Osório — Poeta (Roberto Macedo)	41
Batalha de Tuiuti (Conferência realizada pelo Major João Baptista de Oliveira Figueiredo, perante oficiais e cadetes da Escola Militar de Resende)	45
Batalha de Tuiuti (Capitão Henrique Oscar Wiederspahn)	57
O 24 de Maio de 1866 (Cel J.B. Magalhães, da 1ª Classe da Reserva do Exército)	67
Teatralização da Batalha de Tuiuti (Ten-Cel Elton Carvalho, Professor do CMRJ)	71





O sório! Teu vulto extraordinário está inscrito de maneira indelével na história de nossa Pátria, pois como uma estrela candente, ao perpassar dos anos, deixaste teu rastro luminoso enchendo de fulgor épico a epopéia descrita pela raça brasilica, que despontava no Continente Sul-Americano como uma afirmação de justiça, de fraternidade e de devotamento ao pan-americanismo!

Tua espada não foi um instrumento de prepotência, mas a expressão mais lídima de repulsa à guerra de conquista e o protesto mais solene contra o seu emprêgo como meio de solucionar os problemas territoriais na América do Sul.

Se nos campos guaranis deixaste esteriotipado em crateras e sangue a bravura sem par do Soldado do Brasil, no Senado do Império legaste aos pósteros o exemplo edificante do espírito civilista de um Exército em formação! Como soldado e como cidadão, foste um exemplo glorioso de dedicação ao serviço da Pátria, que enaltece a nossa raça e enobrece a Nação!

Aqui estamos, pois, para prestar-te um culto de saudade e reconhecimento e afirmar-te que ainda pulsam em nossos corações os mesmos ideais que te agigantaram nas lutas pela construção de um Brasil maior, mais justo, mais cristão, mais livre e mais independente!

Comemorando o sesquicentenário de teu nascimento "A Defesa Nacional" dedica-te este número — uma prece de gratidão pelo que nos legaste de grande e de sublime!

OSÓRIO

Palestra realizada na ECIME, a 8 de maio, em comemoração ao sesquicentenário do Marechal OSÓRIO, pelos Ten-Cel AFFONSO VON TROMPOWSKY e Major MOACYR PEREIRA.

Nesta reunião cívica, que ora se realiza no âmbito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ocupe à Seção de História Militar uma agradável e honrosa tarefa: conduzir o pensamento de todos à recordação daquele cuja vida traçou, nos céus da Pátria, uma trajetória indelével de glórias. Seu esplendor, rasgando as brumas do tempo, continua a iluminar a estrada larga, palmilhada pelos que se dedicam à carreira das armas. Aqueles cuja sagrada missão consiste em assegurar ao Brasil um futuro feliz, num clima de liberdade e de progresso.

Não teremos a veleidade de apresentar um relato completo, abrangendo todos os dados biográficos do grande soldado, cujo sesquicentenário está sendo comemorado em toda a Nação, desde as cerradas florestas amazônicas até a amplitude ondulante das coxilhas sulinas.

Fugiremos, mesmo, aos pormenores das batalhas por ele travadas, por já serem bastante conhecidas.

Abordaremos, de preferência, fatos de sua vida que nos recordem a invulgar personalidade, o ânimo varonil e o temperamento jovial e energético, que lhe eram peculiares.

* * *

No dia 10 de maio, há 150 anos, numa pequena vila situada a 22 léguas ao norte de Porto Alegre, na divisa entre as províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nas-

ceu Manoel Luís Osório, filho do Tenente-Coronel Silva Borges. Recebeu o sobrenome de seu avô materno, a quem seu pai queria assim homenagear. Acresce que Silva Borges não era o nome verdadeiro, mas um fruto de um equívoco nos proclamas de casamento, o qual, não tendo sido corrigido, tornou-se habitual, passando mesmo o pai de Osório a assiná-lo.

Foi, nessa pacata vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, no seio de um povo de trabalhadores e de acendrado patriotismo, porém de baixo índice cultural, que Osório passou os anos de sua infância. A vida ao ar livre, suas contínuas cavalgadas através das coxilhas e sangas deram-lhe uma complexão robusta e flexível, assim como grande habilidade no manejo das armas gaúchas, o laço e a boleadeira. Costumava disparar seus corcéis bravos, tirar-lhes o freio e, depois de uma desabalada carreira, saltava ileso ao solo. Era exímio nadador e, nas brincadeiras com os companheiros, sempre se impunha como chefe de bando, nos perigosos combates simulados a cavalo, com lanças e espadas improvisadas.

Entretanto, o preparo intelectual, nessa quadra de sua existência, deixou muito a desejar. Pôde apenas frequentar duas aulas particulares de primeiras letras, com um sapatiro de sua vila natal e, mais tarde, com seu padrinho. Ensinaram-lhe somente a ler e escrever o idioma pátrio e as quatro operações, assim mesmo de maneira precária,

devido à falta de conhecimentos dos próprios mestres.

Não obstante, mais tarde, ressarcia-se dessa falha inicial, tornando-se um autodidata, dedicando-se, com notável pertinácia, a assimilar ensinamentos de que sua mente lúcida tinha grande avidez. Passou, então, a ler muito, especialmente à noite, jornais e tratados militares, políticos e históricos. Teve a felicidade, mercê de sua maravilhosa intuição, de compreender a grande importância, que tem na formação do chefe militar, o estudo das campanhas dos grandes capitães do passado e a apreensão dos princípios e normas que os conduziram à vitória, os quais permanecem imutáveis através dos séculos. Era, assim, um cultor do estudo de História Militar.

Osório aprendeu, não nos livros, grande parte da topografia do território oriental e do Rio Grande do Sul, mas, sim, calcando-o debaixo das patas de seu cavalo de guerra.

As suas campanhas iniciais proporcionaram-lhe as primeiras lições de tática militar e da arte de comando. Viu praticarem toda a espécie de ardis de guerra e executar façanhas assombrosas. Teve a sorte de ser orientado por chefes brilhantes e de combater ao lado de companheiros briosos. Participou de todas as campanhas, que convulsionaram a província de S. Pedro no primeiro quartel do Século XIX.

Enganam-se, contudo, os que julgam ter sido ele um homem exclusivamente prático, sem nenhuma base teórica. A verdade é que não fazia alarde de suas leituras.

Dotado de bom senso e de um espírito extremamente observador, meditava sobre o que lia, ou ouvia, de pessoas ilustradas. Provocava e discutia opiniões, formando a sua, criteriosamente.

* * *

Quando Lecór empreendeu a campanha que visava a assegurar a in-

dependência do Brasil e cercou Montevideu, onde ainda resistiam as forças de Portugal, Osório, com apenas 14 anos, foi levado por seu pai, que assim pretendia dar-lhe uma visão da vida de soldado.

Pouco tempo depois, a 1 de maio de 1823, assentou praça, voluntariamente, na cavalaria da Legião de S. Paulo; teve seu batismo de fogo numa guerrilha, no Arroio Miguelito, contra os cavaleiros lusitanos, na qual se fez notar pela destreza e impetuosidade no combate.

Primeiro cadete em outubro de 1824, foi, em dezembro desse mesmo ano, promovido a alferes e designado para o 3º Regimento de Cavalaria de 1ª linha.

Fêz a campanha na Cisplatina, em 1825, destacando-se no combate de Sarandí, onde conseguiu, com alguns companheiros, romper, a golpes de espada, o cerco de forças uruguaias muito superiores. O General Bento Manoel, que comandava as tropas brasileiras, ao vê-los, gritou: — "Vem salvo o Alferes Osório? Se aí vem, hei de deixar-lhe a minha fanca quando morrer, porque ele a levará onde eu a levo."

Distinguiu-se, igualmente, na batalha do Passo do Rosário, onde a ação corajosa de seu esquadrão muito contribuiu para evitar uma catástrofe, ao se retirarem as forças brasileiras do campo da luta.

Foi então promovido a tenente, posto que ganhava em apenas 5 anos de praça, devido à sua bravura em ação, sendo, então, classificado no 5º Regimento de Cavalaria.

Terminada em 1828 a campanha, esse regimento se recolheu à sua sede, em Rio Pardo.

* * *

Vejam, agora, alguns aspectos da vida social de Osório.

Na biografia escrita por seu filho, encontramos a seguinte descrição: "De estatura um pouco acima da mediana, era encorpado, de constituição vigorosa. Tinha os ombros largos, garboso o porte, túmido o

peito. Dir-se-lhe conservá-lo, em peregrino desafio, aos embates dos inimigos da Pátria. Caminhava de frente erguida, pisava com firmeza. Seus movimentos eram rápidos. O olhar inquiridor e o ouvido atilado. Olhos castanho-escuros, vivos, expressivos de placidez e de bondade... A frente era alta e vasta."

O jovem tenente, pelo garbo e afeições de um físico privilegiado, cercado pela fama de seus feitos guerreiros, desde logo monopolizou as atenções femininas, nas reuniões e nos salões de festa.

Na expressão de um contemporâneo: "Assentava-lhe bem esta divisa: feliz na guerra, feliz no amor. Cupido não fez mais travessuras, nem foi mais ditoso. De largos capítulos poder-se-ia formar a história dos seus galanteios. Alguns, por interessantes, dariam enredo a bons romances. Um poeta pôs na boca de D. Juan Tenório esta frase:

- onde hay soldados hay fuegos,
- hay pendências y amórios

Pois bem: onde estava o nosso Osório aí estava o verdadeiro soldado, os amores venturosos, pois que as pendências ele as sabia evitar, com sagacidade, tino e habilidade. Serviam-lhe de apresentação ao belo sexo seu porte elegante, sua varonil gentileza e suas já efêmeras glórias militares. As delicadezas de seu espírito faziam o resto."

Foi, entretanto, no convívio com a sociedade riopadense que ele viu desmoronar-se a sua primeira grande paixão. Encontrando a formosa Ana numa festa, por ela logo se apaixonou, no que foi correspondido. Contrário ao casamento com um simples tenente do Exército, o rei da jovem conseguiu, por intermédio do governador da província, que Osório fosse transferido para a fronteira. Passado algum tempo, conseguiu que sua filha fizesse um casamento de conveniência, usando para convencê-la, inclusive, o boato da morte do apaixonado tenente.

Diz que a encantadora Ana, ao saber do embuste, não resistiu à

dor da paixão frustrada, vindo a falecer pouco tempo depois.

* * *

Desde os primeiros anos de sua mocidade revelou Osório notável vocação poética.

Tornou-se ótimo repentista, glossando, com presteza, os motes que lhe davam. Sem ter recebido lições, nem saber a arte da metrificacão, fazia os versos, unicamente, por aptidão inata.

* * *

A natureza dotou-o de alegre bom humor. Várias são as anedotas e ditos jocosos a ele atribuídos, em todas as fases de sua vida.

Quando recebeu o título de Marquês do Herval, em atenção à sua brilhante conduta no município gaúcho do mesmo nome, perguntaram-lhe, na corte, a origem daquele. Respondeu então, risonho: "Foi porque S. M. o Imperador sabe que eu gosto muito de chimarrão."

* * *

Certa vez, no Rio de Janeiro, convidado para jantar em casa de um amigo, ali encontrou o Barão de Cotegipe, célebre pela sua sagacidade e artimanhas políticas.

Adversário de Osório, fez-lhe, todavia, uma saudação. Este respondeu, dizendo: "Agora brindemos o Barão de Camaquã". Entenderam os circunstantes que se tratava de um equívoco do general e o alertaram. Porém Osório, em tom galhofeiro, retrucou: "Camaquã é um rio da minha província que dá muitas voltas!"

* * *

Havia no gabinete, do qual Osório fazia parte, um ministro conhecido pelo pavor que tinha à responsabilidade. Chegava mesmo a abandonar o recinto das reuniões, quando se tratava de chegar a decisões importantes. Certa ocasião,

quando o ministro procurava se esgueirar para fora da sala, em que se processava uma reunião presidida pelo Imperador, Osório não se conteve e disse em voz alta: — "Majestade, no Paraguai, tive uma mula tão esperta que disparava logo que ouvia o toque de encilhar!"

* * *

Em 1835, quando exercia as funções de comandante da fronteira de Bagé, casou-se Osório com a virtuosa D. Francisca, filha do juiz de paz daquela localidade.

* * *

Sobrevindo a revolução farroupilha, que ensanguentou as plagas gaúchas até 1845, vemos Osório combater ao lado da legalidade, justificando, em carta dirigida a seu pai, as razões de sua atitude: "Seu filho é republicano de coração, mas não quer a república para o povo, que ainda não está preparado para ela. Sou coerente. A revolução não foi feita para separar do Império a província do Rio Grande do Sul, nem para dar-lhe governo republicano; mas, sim, para afastar o governador que vinha fazendo tão péssima administração".

* * *

Na Política nacional, também muito se distinguiu. Aos 23 anos, apoiou o partido que levou D. Pedro I à abdicção, em 7 de abril de 1831. Defendeu as instituições na guerra civil de sua província. Foi um dos fundadores do partido liberal, no Rio Grande do Sul.

Era liberal de idéias e de coração; folgava de achar quem pensasse como ele; mas, tolerante e honesto, a ninguém coagia.

Fazia a política como fazia a guerra: por patriotismo. Em quem menos pensava era em si. Jamais aproveitou cargos públicos em benefício próprio. Sempre lutou com dificuldades financeiras, para manter sua estância e sua família.

Filiou-se à Loja Maçônica União, na Cidade de Rio Grande, que se batia pela declaração da maioridade de D. Pedro II.

Após a revolução farroupilha, foi eleito deputado provincial, na mesma ocasião em que Caxias, devido ao seu apoio, era escolhido senador pelo Rio Grande do Sul.

O prestígio político de Osório é bem patenteado por uma frase de Caxias, ao responder a uma pessoa que viera pedir-lhe concessões na província gaúcha: — "A política do Império vai até Sta. Catarina; para lá está o Osório".

Nos cargos de Senador e Ministro da Guerra, do Gabinete Simbão, mostrou-se de caráter independente, sacrificando interesses e comodidades pessoais, a serviço da Pátria e no cumprimento do dever.

Suas qualidades de chefe foram sobejamente demonstradas em várias ocasiões. No exercício do comando, foi um chefe disciplinador e organizador. Atestado concreto desta sua aptidão foi o Regimento de Cavalaria, que comandou na paz e na guerra e, em mais alto grau, os 1º e 3º C Ex, por ele organizados por ocasião da guerra do Paraguai.

Alexandre Magno, para se lançar à conquista da Ásia Menor, dispunha das excelentes falanges organizadas pelo Rei Felipe, seu pai; Frederico, o Grande, herdou com o reino da Prússia um exército eficiente e disciplinado, com o qual realizou suas brilhantes campanhas. Napoleão, para empreender a série impar de seus triunfos espetaculares, contou com o Exército Nacional francês, aguerrido por 10 anos de luta, após revolução; o General Osório, entretanto, para penetrar no território paraguaio, fazer a guerra e vencer todas as batalhas que travou, recebeu, apenas, um pugilo de bravos do exército permanente, tendo que formar e disciplinar, face ao inimigo, as vagas de voluntários que a esse núcleo se agregavam.

Dale, disse Mallet, o patrono da Artilharia: — "Osório era um gênio militar; comandava e brigava

também. Era um chefe em todo o rigor da palavra. Não conheci outro general que tivesse um golpe de vista mais admirável. Num relance, apreendia a situação das forças em presença, agindo sem perda de tempo, em consequência."

• • •

Perguntado, certa vez, como se sentia ao entrar numa batalha, declarou: — "Ao avistar o inimigo — entusiasmo; ao primeiro choque — medo; ao derrotá-lo — pena".

• • •

Profundo conhecedor da natureza humana, ao ser tachado de adivinho, pois raramente se enganava nos conceitos que emitia, afirmou: — "Eu não adivinho; tiro apenas conclusões. O mundo é um teatro antigo, onde se representam poucas novidades e muitas peças já conhecidas".

• • •

Por ocasião da guerra contra Rosas, o tirano de Buenos Aires, teve a honra de ver seu regimento escolhido por Urquiza, para constituir a testa da ala direita de cavalaria, ao comando do célebre General La Madrid.

Na memorável jornada de Monte Caseros, o regimento do Coronel Osório se agiganta nas manobras rápidas e audazes da cavalaria e nas cargas gloriosas: finalmente, com notável sangue frio e destemor, vemos os centauros gaúchos investirem a trote, contra uma bateria de canhões inimigos, dominando-a.

• • •

Treze anos após o término dessa campanha, já então Marechal-de-Campo, foi Manoel Luís Osório nomeado Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro, em operações contra o ditador Solano Lopez.

Foi nessa luta cruenta que suas qualidades de guerreiro emérito se revelaram em toda a plenitude.

Se bem que fôsse nossa intenção evitar os detalhes descritivos, não poderíamos caracterizar adequadamente as notáveis qualidades de chefia de Osório, sem apresentar, de maneira sucinta, a jóia máxima de seu gênio militar: — a vitória de Tuiuti.

OSÓRIO EM TUIUTI

Após o episódio glorioso do Passo da Pátria e o sangrento combate do Estero Bellaco, o exército da Tríplice Aliança atingia a região S. W. da Lagoa Tuiuti, em pleno território paraguaio.

A 24 de maio de 1866, toda a força das três nações que combatiam o ditador Solano Lopez encontrava-se nessa extensa área, limitada pela vegetação alta e densa, em torno do Potrero Pires e do Estero Rojas e na região pantanosa do Estero Bellaco.

Seu Comandante-em-Chefe era Mitre, também Presidente da República Argentina. Osório comandava o 1º CEx brasileiro, constituído de unidades que somavam nada menos que 2/3 do total das forças aliadas: 22.000 homens num todo de 33.000.

Nos dias que precederam ao desencadear da ação, mais do que nunca foi ele o chefe ponderado e capaz de que tanto necessitávamos: ora preocupado com os reflexos causados pelo clima inóspito da região sobre seus homens, ora atento às possíveis surpresas de um inimigo que tão bem conhecia; ora cuidando do bem-estar dos seus soldados, ora procurando obter-lhes a necessária segurança.

Foi de acordo com essa última idéia que ele, apenas dois dias antes do ataque paraguaio, alertara a Mitre sobre a conveniência "de um reduto bem artilhado no centro do Ex. que nos desse um importante ponto de apoio contra qualquer tentativa séria dos paraguaios". E determinara a Mallet que tomasse as providências necessárias — de que resultou a construção de um fosso, à frente da Art, fosso esse que de-

sempenharia papel relevante durante a batalha.

Vejamos o dispositivo aliado.

Em posição central, qual uma reserva, as 1ª e 4ª DI brasileiras, cada uma a duas brigadas.

Nas orlas da região:

- a E, as forças argentinas, com 2º CEx e sua Art, cobertas essas forças por três Bdas de Cav. Ao todo, apesar do nome significativo de "CEX", não havia mais que 24 BI em sua infantaria;
- ao centro, as 3ª e 6ª DI, ainda brasileiras, enquadrando a 1ª RA de Mallet e o reduzido Ex uruguaio de Flôres, que não ultrapassava 1.400 homens de todas as armas;
- a S. W. as 2ª e 5ª DC, também brasileiras, ambas praticamente a pé, já que a cavalaria não pudera resistir às difíceis condições em que se processava o movimento;
- ao S., cobrindo as regiões de passagem, a Bda Ligeira de Netto;
- ainda a W., pequenos elementos, principalmente de Cav, que haviam sido levados para o Potrero Pires.

É sobre essa força que vai lançar-se, por uma ação de surpresa, ao meio-dia de 24 de maio, o Ex paraguaio, numa tentativa desesperada para esmagar a investida da Tríplex Aliança, sobre o seu território.

É é diante dessa operação desencadeada por Lopez, abandonando excelentes posições defensivas para atacar, que poderemos admirar o gênio militar de Osório, as suas qualidades como chefe e as de verdadeiro soldado refulgirem com maior brilho.

Esboçemos a batalha.

A direita, Resquin, com 8 RC e alguns BI (mais de 6.000 homens),

desemboca da vegetação cerrada, bate a cavalaria argentina, surpreendida pela violência e rapidez da ação, e cerra sobre os CEx. A estes, todavia, não consegue vencer. Ainda assim, uma das DI do 2º CEx começa a ceder, e pelo seu setor ameaçam infiltrar-se os paraguaios.

"É precisamente neste momento que surge a gloriosa lança de Osório, conduzindo vários elementos da 6ª DI brasileira, que consolidam a posição argentina."

Sem possibilidade de êxito nessa parte da frente, barrado em suas pretensões, não resta a Resquin senão uma atitude. Ele a adota e se retira.

Ao centro, atacam as colunas de Marco e Díaz. São quase 10.000 homens que surgem de improviso da região matosa do Estero Rojas e caem sobre brasileiros e orientais.

As pequenas unidades de Flôres não conseguem manter-se ao embate de forças muito superiores; são, no entanto, apoiadas pela 6ª DI e pelo 1º RA, recuperam-se e defendem as suas posições.

Faça a Mallet, a batalha toma proporções épicas. Do fogo intenso e direto da Art resultam centenas de perdas para o inimigo. Os que conseguem aproximar-se das peças vêm cair no fôssco tão oportunamente preparado pelo hábil Cmt do 1º RA, e dele não conseguem escapar.

Mais à esquerda, os cavaleiros de Díaz buscam contornar o flanco do Ex aliado e se arrojam sobre a 3ª DI, comandada por Sampaio e apoiada, agora, por Mallet, e são, também, repelidos. Ataca, então, a infantaria do mesmo Díaz e trava-se um combate de grandes proporções, dentro do quadro geral da batalha. Sampaio é ferido mortalmente e a 3ª DI vacila em consequência dessa perda.

E nesse instante, em que o CEx brasileiro parece ceder, face ao impacto do esforço do ataque paraguaio, que surge nova e oportuna-

mente a figura legendaria do Gen Osório.

Acorre ele ao ponto ameaçado, levando consigo os meios necessarios, retirados da 1ª DI e, com eles, é possível restabelecer o equilibrio.

Outro fortes elementos para-guaioes que desembocam de N. W., mais no aianco ainda, da 3ª DI, sao tambem detidos quando Osório en-via parte da 4ª DI para barrar a via de acesso que se abre aos para-guaioes.

Finalmente, vejamos o que se passa a W.

Barrios, com o objetivo de rea-lizar um largo movimento que lhe permita atuar pela retaguarda de todo o exercito aliado, investe pelas matas que circunam o Potrero Pi-res e Ataca, de surpresa, os peque-nos elementos brasueiros que ali se acham.

Ainda Osório vê o perigo e faz acorrer a essa regio, em tempo util, as 2ª e 5ª DC, reforçadas por elementos da 4ª DI.

A Bda L. de Souza Neto tambem cerra sobre o Potrero Pires e con-tribui para a vitória.

Ao cair da noite os paraguaioes, inteiramente batidos em todas as frentes, haviam-se retirado. Seis mil mortos demonstravam a exten-são da derrota e a violência das açoes desencadeadas naquela meia jornada.

A que deverão os guaranis tal fracasso? Senhores de um exercito que lutava seivagem e duramente em todas as occasiões; sabendo que combatiam em defesa do seu pró-prio território, já invadido pela Tri-plice Aliança, o que os conduziu ao insucesso?

Uma frase expressa a resposta a essas perguntas: faltou-lhes um che-fe que planejasse e conduzisse a ba-talha, fazendo valer a sua vontade.

E nós o tivemos. Segundo um contemporâneo, Osório, "no seu ba-lo cavallo de combate, com o largo chapéu de feltro negro, o ponche fluante deixando ver a gola bor-

dada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, dominava todo aquêle cenário trá-gico de glória e de morte".

Dos seus lábios saíram as ordens que se constituíram nas florestas de baionetas que barraram o heroico Exército paraguaio.

Tanto a E., face às GU argenti-nas, como ao N., onde Sampaio e Mallet escreveram paginas gloriosas para o Exército brasileiro, como ainda a W., no Potrero Pires, foi o discernimento de Osório, a sua ap-tidão como chefe, que salvaram o Ex das tres nações e levaram ao de Lopez a derrota de que jamais pôde recuperar-se em definitivo.

Mais ainda: foi ele, em Tuiuti, simultaneamente, Chefe e homem de ação e, muitas vezes, no trator da batalha, possuido daquêle senti-mento indomito que sempre o acom-panhava, não apenas enviou refor-ços aos pontos ameaçados; levou-os em pessoa, transmitindo, com a sua presença, coragem e desprendimen-to aos que lutavam nas primeiras linhas.

Segundo o Gen Mitre, aliava ele, às qualidades já mencionadas, ou-tra que, aplicada na justa medida, tambem caracteriza o verdadeiro chefe: a prudência. Assim, pro-curava sempre avaliar o que o ad-versário podia fazer e cobria-se, na medida do possível, contra essas possibilidades.

A formidável barreira oposta por Mallet teve origem, como vimos, nessa inestimável qualidade, que lhe permitia como que "pressentir a ação do inimigo".

• • •

Temos relatado, assim, senhores, em largos traços, como atuou Osó-rio em Tuiuti. Ali foi ele não ape-nas a Lança do Império. Foi a alma de todo o Exército. A ele de-vemos a vitória.

• • •

Meus senhores:

Focalizamos, assim, aspectos da personalidade desse grande brasi-

leiro, que dedicou toda uma existência em prol das grandes realizações da Pátria, no cenário sul-americano. Naquele período conturbado do século passado, quando os descendentes de duas nacionalidades se entrechocavam em busca do equilíbrio continental.

Combatendo com chefes da envergadura de um Sampaio, um Mallet, um Vilagran Cabrita, ele arrebatava pelo exemplo, pelo valor incomparável e pela genialidade na conduta das operações militares.

Outra virtude que exornava o caráter ímpoluto do nosso homenageado era a modéstia. Nunca se jactava na vitória, procurando antes

atribuí-la a seus comandados, quando dizia:

"É muito fácil comandar homens livres; basta apontar-lhes o caminho do dever."

• • •

Assim, meus senhores, nada mais justo que o insigne patrono da arma dos espaços livres, o "Centauro dos Pampas", a "Lança do Império", o "Mago de Tuiuti", ocupe o lugar de destaque que merece na galeria de nossos heróis militares, por ser, para todo o Exército, paradigma inextinguível na difícil arte da guerra.

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA

Laminados — Trefilados — Tubos galvanizados

USINAS: SABARÁ E JOÃO MONLEVADE

*

Escritório central de vendas

AV. NILO PEÇANHA, 26 — 4º AND. — TEL. 22-1970

RIO DE JANEIRO

TENENTE-GENERAL MANOEL LUIZ OSÓRIO MARQUÊS DO HERVAL

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA ECEME

(Transcrição do Boletim Interno da Inspetoria
de Cavalaria, de 1940, comemorativa aos Chefes
da Cavalaria)

Osório nasceu em Conceição do Arroio, na então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, a 10 de maio de 1808.

Verificou praça, como voluntário, a 1 de maio de 1823, na legião de cavalaria da Província de São Paulo, que com as demais tropas brasileiras, sitiou Montevidéu, onde o General D. Alvaro da Costa se insurgira contra as ordens do General Lecór.

Foi reconhecido Cadete de 1ª classe a 1 de outubro de 1824.

Por decreto de 1 de dezembro de 1824, foi promovido a Alferes para o 3º Regimento de Cavalaria de 1ª linha.

A 21 de novembro de 1826, foi nomeado Major em comissão para a 3ª Brigada de Cavalaria.

Foi promovido a Tenente para o 5º Regimento de Cavalaria a 12 de outubro de 1827.

A 20 de agosto de 1833, foi promovido ao posto de Capitão.

Por decreto de 27 de maio de 1842, foi promovido a Major para o 2º Regimento de Cavalaria, contando antiguidade de 18 de julho de 1841.

A 23 de julho de 1844, foi promovido a Tenente-Coronel e efetivado no comando do 2º Regimento de Cavalaria.

Chefes da Cavalaria Brasileira

Foi promovido a Coronel em 3 de fevereiro de 1852, para o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, "por merecimento ainda uma vez comprovado no campo de batalha".

A 2 de dezembro de 1856, foi graduado no posto de Brigadeiro.

A 15 de junho de 1859, foi efetivado no posto de Brigadeiro.

Por decreto de 8 de julho de 1865, foi promovido a Marechal de Campo.

Por decreto de 1º de junho de 1867, o Governo Imperial houve por bem promovê-lo ao posto de Tenente-General "em atenção aos seus dilatados serviços".

Por decreto de 27 de junho de 1877, foi graduado no posto de Marechal-de-Exército.

CONDECORAÇÕES

Títulos nobiliárquicos

Por carta imperial de 18 de maio de 1866, foi agraciado com o título de Barão do Herval, "com honras de grandeza, em sua vida, para distingui-lo e honrá-lo em sua qualidade de Comandante-em-Chefe do Exército Imperial, em operações contra a República do Paraguai".

Por decreto de 11 de abril de 1867, foi agraciado com o título

de Visconde do Herval, com honras de grandeza, "pelos serviços prestados na guerra contra o Paraguai".

Por decreto de 29 de dezembro de 1869, foi agraciado com o título de Marquês do Herval, com honras de grandeza, pelos reiterados atos de bravura em defesa da pátria.

Ordem da Rosa

Por decreto de 28 de maio de 1858, foi-lhe concedida a Ordem da Rosa pelos serviços prestados na Província do Rio Grande do Sul.

Imperial Ordem do Cruzeiro

Por carta imperial de 13 de julho de 1842, foi agraciado com a medalha de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro "pelos serviços prestados na Província do Rio Grande do Sul".

Tenente-General Manuel Luiz Osorio

A 7 de março de 1852, foi condecorado como dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro, pelos serviços prestados nas campanhas do Uruguai e Buenos Aires.

A 26 de dezembro de 1868, foi agraciado com a Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos reiterados atos de bravura e abnegação durante as ações no Paraguai.

Ordem Militar de S. Bento de Aviz

Por decreto de 5 de julho de 1844, foi nomeado Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz pelos seus bons serviços prestados.

A 20 de julho de 1864, foi-lhe concedida a comenda da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, a que fizera jus.

A 20 de julho de 1867, recebeu a Grã-Cruz da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Medalha de Ouro

A 14 de março de 1852, foi condecorado com a medalha de Ouro concedida aos oficiais superiores

que fizeram a campanha do Uruguai e Buenos Aires e tomaram parte na batalha de Moron.

Medalha de Mérito Militar

Por decreto de 20 de fevereiro de 1869, foi condecorado com a Medalha de Mérito Militar, criada pelo decreto de 28 de março de 1867, em atenção aos reiterados atos de bravura praticados em diversos combates.

Medalha de Campanha do Uruguai.

A 20 de julho de 1870, foi-lhe conferida a medalha a que fez jus na campanha do Estado Oriental do Uruguai sob o comando do General João Propício Mena Barreto.

Medalha de Campanha do Paraguai.

Por decreto de 24 de maio de 1872, foi-lhe conferida a medalha de Campanha Geral do Paraguai.

Funções Exercidas

A 13 de janeiro de 1827, comandou o Esquadrão Vanguarda das forças brasileiras que, sob o comando do Marquês de Barbacena, marcharam ao encontro do General argentino D. Carlos de Aivear, que invadira o território patrio.

A 17 de março de 1836, comandou o 5º Regimento de Cavalaria, fazendo parte da coluna de Bento Ribeiro no combate contra os sediciosos do Rio Grande do Sul.

A 1 de março de 1837, foi nomeado Major da legião do município de Porto Alegre.

A 22 de abril de 1838, assumiu o exercício do cargo de Major da 1ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional.

Por ordem do dia 17 de abril de 1841, foi designado para desempenhar as funções de Deputado do Ajudante-General junto ao comando da 2ª Divisão.

A 25 de maio, foi designado para servir sob as ordens imediatas do Comandante-em-Chefe do

Exército, General João Pedro dos Santos Barreto.

A 23 de julho de 1844, foi nomeado Comandante do 2º Regimento de Cavalaria.

Em 1845, foi eleito Deputado Provincial nas eleições procedidas nesse mesmo ano.

Com o fim de anular as manobras do ditador de Buenos Aires, seguiu a 5 de julho de 1851, "em missão especial do Presidente da Província, para as Repúblicas de Entre Rios e Corrientes, onde deverá tratar com os respectivos governos pela forma prescrita nas instruções que lhe foram entregues ao receber tal incumbência".

Dado ao caso a importância da vida, 13 dias depois, isto é, a 23 do mesmo mês, regressava Osório, tendo dado cabal desempenho à sua missão, apresentando-se em Orqueta ao novo Comandante do Exército, Conde de Caxias, a quem prestou as mais minuciosas informações.

A 16 de agosto, por ordem do General-em-Chefe, encaminhou-se Osório para a República Oriental do Uruguai, para entender-se com o General D. Justo Urquiza, sobre assuntos que se prendiam às futuras operações e que teriam por teatro o território da mesma República; dessa delicada missão desempenhou-se Osório com a sua proverbial presteza e exatidão, regressando ao acampamento a 21 do mesmo mês.

A 4 de setembro de 1851, marchou com o 2º Regimento de Cavalaria integrando a 2ª Brigada do mesmo e sob o comando do Brigadeiro Marques de Sousa, para o território da República Oriental do Uruguai.

A 21 de abril de 1852, passou a exercer o comando da 6ª Brigada de Cavalaria, com a qual se recolheu à Província do Rio Grande do Sul, a 4 de julho do mesmo ano, data essa em que se considerou terminada a Campanha.

A 23 de março de 1854, fazendo parte da Divisão de Observação, seguiu no Comando da 2ª Brigada,

invadindo o Estado Oriental do Uruguai.

A 17 de maio de 1855, assumiu o comando das forças que guarneciam as fronteiras das Missões em São Borja, constituídas pela 2ª Brigada de Cavalaria e forças de infantaria e artilharia.

Recebendo a missão de descobrir os Campos das Vacas Brancas, povoados pelos Jesuítas e que deviam ser território das Missões brasileiras, organizou uma expedição que regressou a 18 de novembro de 1857, tendo a felicidade de descobrir, não só os referidos campos, como a existência de riquíssimos ervais entre os rios Cumandai e Pindai.

Assim ao Brigadeiro Osório coube a glória dessa importante descoberta, pelo escolhido pessoal que empregara, e do que conservou memória o Imperador D. Pedro II, que mais tarde, procurando remunerar os seus valiosos serviços de guerra, honrou-o com o título nobiliárquico de "Barão do Herval".

Por decreto de 3 de outubro de 1857, como Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria, passou a fazer parte do Exército de Observação organizado pelo mesmo decreto, em vista dos embaraços opostos pelo governo do Paraguai, à conclusão dos tratados apresentados pelo Governo Imperial.

A 15 de março de 1858, foi nomeado Comandante da fronteira de Jaguarão, para onde seguiu a 29 de abril, após a dissolução do Exército de Observação.

Por ato ministerial de 25 de novembro de 1865, foi nomeado Inspetor do 2º Distrito da Arma de Cavalaria, que compreendia a Côte e as Províncias da Bahia e Pernambuco.

A 15 de junho de 1859, com sua efetivação no posto de Brigadeiro foi exonerado das funções de Inspetor do 2º Distrito de Cavalaria.

Por decreto de 8 de dezembro de 1859, reassumiu as funções de Comandante da fronteira de Jaguarão.

Por decreto de setembro de 1864, foi-lhe confiado o comando de uma das divisões que constituíam o Exército de Observação que, sob o comando do Marechal-de-Campo João Propício Mena Barreto, velava pelos interesses do Brasil na fronteira com o Uruguai, então em plena guerra civil.

A 1 de março de 1865, após a assinatura do tratado de paz, recebeu do Marechal João Propício Mena Barreto, o Comando do Exército Brasileiro em operações no Estado Oriental do Uruguai.

Com a declaração da guerra entre o Império e a República do Paraguai, é o Brigadeiro Osório, por decreto de 18 de maio de 1865, nomeado para exercer efetivamente o cargo de Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro em operações, conforme o estipulado em um dos parágrafos do art. 3º do Tratado de Triplice Aliança, celebrado a 1 do mesmo mês e ano na cidade de Buenos Aires.

A 20 de outubro de 1866, foi nomeado Comandante do Corpo de Exército em operações na fronteira da Província do Rio Grande do Sul. Tendo conseguido organizar seu Corpo de Exército com tropas de 1ª linha, guardas nacionais e voluntários da Pátria, recebeu, em março de 1867, ordem para reunir-se as forças aliadas que operavam no Paraguai. A 9 de outubro de 1868, foi nomeado Comandante da Direita do Exército aliado em marcha sobre Villeta.

Terminada a guerra com o desfecho da margem do Aquidabã a 1 de março de 1870, e o Tenente-General Osório eleito Deputado por unanimidade de votos.

A 11 de janeiro de 1877, foi eleito e escolhido para Senador, tendo tomado posse a 2 de maio do mesmo ano.

A 5 de janeiro de 1878, foi nomeado Ministro da Guerra, cargo que ocupou até o dia do seu falecimento, em 4 de outubro de 1879.

CAMPANHAS

Campanha da Independência

Foi no sítio da praça de Montevideu, em 1823, onde se encontrava o General Lusitano D. Alvaro da Costa, que se insurgira contra o novo estado de coisas resultante da Independência, que teve Osório o seu batismo de fogo como praça da legião de Cavalaria da Província de S. Paulo, numa guerrilha junto ao arroio Miguelete.

Campanha da Cisplatina

Tomou parte em toda a campanha da Cisplatina que se originava com a sublevação dos trinta e três orientais chefiados por D. Juan Lavalleja.

Participou da ação de 12 de outubro de 1825 no arroio Sarandi, conseguindo romper com poucos homens o cerco de fogo e ferro a que o tinha submetido o inimigo, conseguindo com sua ação salvar o seu chefe Bento Manuel Ribeiro.

A 13 de janeiro de 1827, comandou o Esquadrão Vanguarda das forças Brasileiras que sob o comando do Marquês de Barbacena marcharam ao encontro do General argentino D. Carlos de Alvear, que invadira o território pátrio.

No encontro entre os dois Exércitos a 20 de janeiro, o então Alferes Osório foi encarregado do comando das guerrilhas que protegiam a retirada da 2ª Divisão sob o comando do General Calado, o que executou com denodo e singular bravura, mantendo sempre o inimigo à distância.

Promovido a Tenente em 12 de outubro de 1827, continuou na campanha, tomando parte na ação de Cunnetas, a 16 de abril de 1828.

Com a convenção de paz assinada em outubro de 1828, voltou o Tenente Osório com o 5º Regimento de Cavalaria para sua parada em Bagé.

Campanha dos Farrapos

Com a eclosão do movimento revolucionário em 20 de setembro de 1835, chefiado por Bento Gonçalves, vai aparecer o Tenente Osório como verdadeiro patriota, procurando impedir por todos os meios que triunfasse uma revolução que trazia em seu seio o estigma do separatismo e mutilação do território da Pátria, fomentada pelo inimigo ardiloso e implacável, que via no desmoronamento do Império a realização de seu sonho do restabelecimento do Vice-Reinado do Prata.

A 17 de março de 1836, no comando de um desfalcado Regimento que integrava a coluna de Bento Manoel, travou combate com as forças comandadas pelo Coronel Alfredo de Almeida Corte-Real, prendendo-o e remetendo-o para a corte.

Tomou parte no combate de Pedras Altas, a 4 de janeiro de 1837, recalçando os revolucionários, para o Estado Oriental.

Tendo Bento Manoel aderido aos revolucionários, resultou ficar sitiado em Caçapava o Coronel João Crisóstomo, a cujas forças pertencia Osório, que conseguiu escapar-se com algumas praças levando a Porto Alegre a notícia do cerco.

A 3 de maio de 1838 tomou parte, como Comandante da 1ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional, no combate travado na região do Herval.

A 23 de novembro de 1849, marchou com o seu Regimento, fazendo parte da 3ª Brigada de Cavalaria, a fim de impedir a reunião das forças do Barão do Jacuí que ameaçavam invadir o Estado Oriental em represália às constantes atrocidades cometidas pelas forças de D. Manuel Oribe, que à sua ordem traziam em constante vexame grande número de estancieiros brasileiros residentes naquele país.

A 7 de janeiro de 1850, ainda pelo motivo acima, marchou com o seu Regimento para a fronteira do Quaraim e de Bagé.

Campanhas de Rosas

Com o fim de anular as manobras do ditador de Buenos Aires, seguiu Osório, a 5 de julho de 1851, em missão especial junto aos Governos de Entre Rios e Corrientes.

A 26 de julho de 1851, seguiu Osório com o seu Regimento para Sant'Ana do Livramento, onde deveria ser organizado o Exército Imperial que tinha de entrar em operações.

A 16 de agosto do mesmo ano Osório foi encarregado de uma missão especial junto ao General Justo Urquiza, a qual se prendia às futuras operações que teriam por teatro o território da mesma República.

A 16 de dezembro de 1851, com a 1ª Divisão Brasileira, partia da Colônia do Sacramento para encetar a passagem do rio Parana o que foi realizado com felicidade a 8 de janeiro de 1852.

Pela ordem do dia do Comandante-em-Chefe Imperial de 5 de fevereiro de 1852, foi Osório louvado "por haver com a bravura, pericia e sangue-frio que o caracterizavam, carregado à frente de seu Regimento sobre uma bateria inimiga, tomando-a, pondo em completa derrota os que a guarneciam".

Campanha do Uruguai

Por decreto de 24 de setembro de 1854, foi confiado a Osório o comando de uma das Divisões (1ª) que constituíam o Exército, o qual, sob o comando do Marechal-de-Campo João Propício Mena Barreto, velava na fronteira com o Uruguai, então em plena guerra civil, pelos interesses do Brasil.

A 1 de dezembro de 1864, este Corpo de Exército com um efetivo de 6.200 homens transpõe a fronteira com o destino ao Salto de Paissandu, onde acampou no dia 29 do mesmo mês, cooperando no ataque dessa posição.

O ataque foi montado com a infantaria de terra e de marinha. Durou 52 horas. Foram feitos 700 prisioneiros e tomadas 2.000 armas. Tivemos 582 homens fora de combate, tendo os orientais 800. O Chefe oriental foi aprisionado pelos brasileiros e entregue a Goyo Soares. A tropa deste caudilho oriental decapitou o prisioneiro e depois, em Montevidéu, atribuíram este covarde ato às tropas imperiais.

A 1 de março de 1865, após a assinatura da paz, Osório substituiu o Marechal João Propício Mena Barreto no comando do Exército em operações no Estado Oriental do Uruguai.

Campanha do Paraguai

Com o aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda, que levava a seu bordo o Presidente de Mato Grosso, em 11 de novembro de 1864, estava praticamente iniciado pelos paraguaios o estado de guerra com o Brasil. Com a subida de Flôres ao poder e após o tratado da Triplice Aliança, tratou-se de escolher o local para a concentração das forças brasileiras e dos Aliados que deviam operar contra o Exército paraguaio. O Governo Imperial deu preferência à Província de Entre Rios, contra a opinião de Osório, que se pronunciou pela foz do Quaraim.

Do cerco de Montevidéu marchou Osório com o Exército brasileiro, a 27 de abril de 1865, para perto de Paissandu, onde acampou.

Por decreto de 18 de maio de 1865, houve por bem o Governo Imperial nomear o Brigadeiro Osório para efetivamente exercer o cargo de Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro em operações, conforme o estipulado em um dos parágrafos do art. 3º do tratado da Triplice Aliança, celebrado a 1 do mesmo mês e ano na cidade de Buenos Aires.

A 1 de junho levantou Osório acampamento de perto de Paissandu, tendo acampado a 12 em Dalman.

A 24 principiou a travessia do rio Uruguai, indo acampar a 27, tudo de junho de 1865, perto da Vila de Concórdia. Daí marchou para o Norte, acampando em Gualeguasito em agosto, no Mandonei Chico em setembro e no Mecoreta em outubro. De Mercedes, que alcançara a 23 deste mesmo mês, partiu em princípio de novembro e a 16 se estabelecia na margem direita do Corrientes. A 8 de dezembro estava no Empedrado, a 13 no arroio Riachuelo, a 21 na Lagoa Brava.

A 24 de dezembro chega o Exército Aliado ao Passo da Pátria, tendo encontrado livre de paraguaios o território de Corrientes.

Osório andara de Concórdia ao Passo 277 kms. em 22 dias úteis de marcha, com um estio abrasador. Ali ficaram os Exércitos Aliados nas bordas do Paraná, três meses e meio, preparando a travessia e reaprovisionando o Exército para a ofensiva.

Por fim, a 15 de abril, inicia-se a ofensiva, em território inimigo.

O General Osório fez questão de passar na testa com suas forças. Fez aos soldados uma exortação em que dizia: "Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres. Basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho ali está em frente. Avante. Soldados!"

A esquadra protege a travessia bombardeando a costa inimiga e simulando um ataque. Para se conseguir um seguro desembarque foi necessário desalojar à viva força os paraguaios da Ilha da Redenção onde perdemos o bravo Coronel Cabrita. Logo após o desembarque, o inimigo atacou com uma coluna às ordens do Major Benitez. O General Osório rechaçou-a com facilidade. O desembarque, pouco acima da foz do Paraná, no rio do Paraguai, foi de surpresa porque se dera a impressão de que a travessia seria tentada defronte ao Passo da Pátria, e o desembarque foi feito no rio Paraguai, pouco acima da foz do Paraná.

A 18 de abril de 1865, o pequeno mas glorioso Exército de Osório ataca e toma o Forte de Itapicuru, retirando-se o inimigo para seus acampamentos de Passo da Pátria.

Forçado o inimigo a abandonar Passo da Pátria, aí é estabelecido o Q.G. do Exército Brasileiro.

A 2 de maio de 1865, são as forças aliadas surpreendidas por um feroz ataque dos paraguaios no Estero Bellaco. Osório restabelece a situação e recala o inimigo para além desse mesmo Estero. A 10 de maio foi reajustado o dispositivo, sendo as forças paraguaias recalcadas para muito além do Estero Bellaco, abandonando o areal denominado Tuiuti, cuja esquadra termina na Lagoa e à direita se prolonga cobertas de Jatais até se perder de vista.

Os dois Exércitos inimigos se achavam frente a frente, prontos a recomeçar a peleja com maior fúria. O dispositivo aliado era o seguinte :

Esquerda e centro : 3ª e 6ª D.I. brasileiras; direita : 1.º C. do Exército argentino; cobertura de flanco direito : Divisão de Cavalaria de Hornos e Cáceres. Em segundo escalão : 1ª e 4ª D.I. brasileiras e Corpo de Exército argentino. Em reserva : 5ª e 2ª D.C. brasileiras, e a brigada do General Neto.

No dia 23 foram feitos reconhecimento para uma ação que seria levada a 24 pelos aliados. O inimigo se preparava também para idêntica operação e a 24 de maio de surpresa se arremessa com intrepidez contra as forças aliadas. Houve no começo da luta, como consequência da surpresa do ataque, uma indecisão proveniente da superioridade numérica inimiga ao nosso flanco esquerdo. A presença de Osório, porém, decidiu o embate a nosso favor, pois foi ele quem conduziu um contra-ataque com o 2º Escalão, apoiado pelo 1º e 3º Batalhões de Artilharia a Pé. O bravo chefe percorreu toda a frente, conjugando elementos. No centro só a sua presença é suficiente para que a tropa, tomada

de grande ardor, contra-ataque o inimigo, repelindo-o.

É a direita que se acha agora seriamente comprometida por terem sido surpreendidas as forças dos Generais Hornos e de Cáceres, que debandaram para se refazerem atrás do Estero Bellaco. Osório, a frente de alguns batahões brasileiros, avança em direção à direita e, em meio de indizível entusiasmo, auxilia os argentinos a restabelecerem a situação. O inimigo acha-se batido e indeciso, é preciso aniquilá-lo de todo para que a vitória seja completa.

Osório avança, então, com a esquerda e com a direita e, a baioneta, reacende a luta desesperadamente, e a mais completa derrota se pronuncia nas fileiras inimigas. Toda a linha inimiga fôra rôta e os restos do seu Exército, dispersos, refugiam-se para o interior das matas, de onde, de surpresa, surgiu o impetuoso ataque.

Osório deseja, a todo transe, marchar no dia seguinte em perseguição ao inimigo, mas encontra forte oposição do General Comandante-em-Chefe dos aliados; se o tivessem deixado levar avante esse seu patriótico intento, talvez a guerra não se tivesse prolongado tanto.

Nesta ação Osório teve oportunidade de, aliado à grande visão e sua indômita bravura pessoal, mostrar, as suas qualidades de chefe numa ação de grande vulto.

A 15 de junho de 1866, em vista de seu precário estado de saúde, passa o grande General o comando em chefe do Imperial Exército ao Marechal-de-Campo Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, retirando-se para o Rio Grande do Sul.

Nomeado a 20 de outubro de 1866 Comandante de Corpo do Exército em operações na fronteira da Província do Rio Grande do Sul, consegue organizá-lo com tropa de 1ª linha, guardas nacionais e voluntários da pátria, e em março de 1867 recebeu ordem para reunir-se às forças aliadas que operavam no Paraguai.

A 10 de julho de 1867, achava-se já o Barão do Herval com o seu Corpo de Exército, com um efetivo de 5.400 homens, acampados em Itaí, utilizando-se dos transportes de esquadrilha do Chefe Carneiro da Rocha. Esta força passou a ser o 3º Corpo do Exército Brasileiro.

Esse reforço chegava como um valioso auxiliar à execução dos planos concebidos pelo Marquês de Caxias, então Comandante-em-Chefe dos aliados. Esse plano consistia em ameaçar a esquerda inimiga e aproximar-se de Humaitá para interceptar ao inimigo os recursos do interior, obrigando-o a empenhar-se em uma batalha decisiva.

Em execução a esse plano, a 22 de julho o General Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro, entregando o comando da Esquerda dos Exércitos Aliados ao General Osório, repassou o Estero Bellaco, no Passo do Honda, marchou em direção ao Passo do Pires, ocupando a posição de Tuiú-Cué, face a Humaitá.

Em consequência da tomada do Forte do Estabelecimento foi Osório mencionado em ordem do dia do Exército de 24 de fevereiro de 1867 nos seguintes termos: "Não tenho expressões de que me possa servir para suficientemente manifestar o reconhecimento e gratidão que devo ao bravo e arrojado General Barão do Herval. Os sacrifícios que constantemente tem feito e continua a fazer, permanecendo no teatro da guerra e à testa do corpo da Vanguarda do Exército, apesar do estado precário de sua saúde; a vigilância, prudência e circunspeção com que exerce as árduas e laboriosas atribuições a seu cargo, constituem só por si o maior elogio de tão benemérito General. Sua coadiuvação no desenvolvimento do plano que realizei no dia 12, foi a mais plena e satisfatória".

A 1 de outubro de 1868, procedeu Osório a um reconhecimento sobre a linha do Pequiciri, que dispunha de 71 canhões, além de

bem amparada por brejos e lagoas, tendo à direita as baterias da posição de Angustura.

A 3 do mesmo mês foi elogiado pelo Marechal Caxias nos seguintes termos: "O Comandante-em-Chefe agradece ao distinto Sr. Tenente-General Visconde do Herval, a maneira porque desempenhou esta operação, demonstrando mais uma vez seu valor e perícia que o tornam saliente entre os mais bravos deste Exército".

Após o contorno da posição do Exército Paraguai pelo Chaco e posterior desembarque em Santo Antônio, e com o fim de vencer as resistências encontradas sobre o Itororó, na execução das operações de conjunto, recebe a missão de marchar com o 3º Corpo sobre a direita do inimigo, atacando-o nesse flanco e possivelmente pela retaguarda. A sua atuação não chegou a se fazer sentir, por isso que o grande Marquês de Caxias, antes de sua intervenção, já impusera ao inimigo terrível derrota, tendo no entanto tomado parte na tenaz perseguição aos derrotados.

A 9 de dezembro de 1869, foi Osório nomeado para comandar a direita do Exército Aliado na marcha sobre Vilela, tendo-se-lhe reunido toda Cavalaria.

Pela manhã do dia 11, Caxias põe em movimento o Exército Brasileiro. Cerca de 10 horas, as vanguardas de Osório toparam com um pequeno posto paraguaio, além do Paso Maló.

Do alto da coxilha que ficava oposta às linhas inimigas, o grande General reconhece aquelas posições e imediatamente informa ao General-em-Chefe.

A conquista de uma base de partida além do Avaí era indispensável ao ataque que ia ser levado às linhas Paraguaías. Coube a Osório com 3 batalhões do 3º C.E. iniciar a fase preliminar do ataque. Auxiliado pela 5ª D.C., conseguiu fazer calar a bateria que da direita inimiga batia com sucesso implacável o Paso. Embora com grandes baixas para os nossos batalhões, esta investida foi coroada de êxito.

Ocupada a base de partida para o ataque, Caxias podia executar plenamente sua idéia de manobra, que era de exercer o esforço principal sobre a direita inimiga, desbordando-a por um ataque de flanco. Coube a Osório iniciar o ataque. Todo o 3º C.E. e a Cavalaria que estava à sua disposição avançavam com ímpeto. A luta torna-se renhida e, como sempre, os paraguaios combatem com dardo e galhardia, conseguindo sua cavalaria envolver alguns dos mais arrojados batalhões de Infantaria. Mas a vitória é dos brasileiros. Osório anima cada vez mais os seus batalhões, levando por diante o inimigo em completa derrota. Nesse momento, porém, o legendário General é ferido por uma bala, no queixo, sendo obrigado a retirar-se do campo de batalha.

Em ordem do dia do Exército do dia 14 de janeiro de 1869, é elogiado pelo Marquês de Caxias nos seguintes termos:

"Não posso deixar de consignar na presente ordem do dia os meus sinceros votos de minha gratidão e reconhecimento ao Exmo. Sr. Tenente-General Visconde do Herval, Comandante do 3º Corpo do Exército, pelos atos de valor praticados no combate, batalhas, assaltos e feitos d'armas que tiveram lugar no mês de dezembro de 1868 e que valeram os bem merecidos elogios, não só pela feliz e eficaz coadjuvação que dele recebi e da qual muito dependeram os triunfos que no dito mês alcançaram nossas armas, como pelas provas irrecusáveis de firme e inabalável dedicação que sempre manifestou ao serviço público e à minha pessoa."

Achando-se em tratamento de seu honroso ferimento, na Província do Rio Grande do Sul, convidado para mais uma vez expor sua vida, batendo-se contra o já enfraquecido Exército do ditador do Paraguai, respondeu ao Governo que em breve seguiria para o teatro da guerra, cuja direção se achava nas mãos do Marechal do Exército, príncipe Conde D'Eu.

No dia 17 de abril de 1869, o Marechal Conde D'Eu dá ciência ao Exército, de que se achava nomeado para Comandante do 1º Corpo de Exército o Tenente-General Visconde do Herval, ficando interinamente no dito comando o Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Sousa.

Conforme o prometido, do Rio Grande do Sul partiu o Visconde do Herval com destino ao Exército em operações, onde se apresentou a 6 de junho de 1869 no Pirajá. O Comandante-em-Chefe, dando parte dessa feliz ocorrência em sua ordem do dia n. 17, de 7 de junho declara "haver ele assumido o comando do 1º Corpo do Exército apesar de não se achar ainda restabelecido esse fato ao Exército, não podia deixar de com ele congratular-se pela presença de tão ilustre quão distinto General".

Comandando esse C.E., marchou o Tenente-General Osório em busca do inimigo, e, achando-se este perfeitamente entrincheirado em Piribebui, foi resolvido atacá-lo nessa praça a 11 de agosto, cabendo-lhe o comando da ala esquerda das forças atacantes.

Sobre sua atuação assim se refere o Comandante-em-Chefe em sua ordem do dia de 14 de novembro de 1869:

"Dando, mais uma vez, mais uma prova de seu inextinguível e já histórico heroísmo, avançou à testa da coluna da direita e pessoalmente ajudou a colocar pranchões que deviam dar passagem aos nossos Soldados por cima do fogo que o inimigo defendia. Sou informado que, só pela rara felicidade de falhar duas vezes a espoleta de um canhão escapou tão importante vida de ser vítima do tiro de metralha que contra ele fora dirigido a queima-roupa."

Terminada a ação que nos deu a posse da praça de Piribebui, seguiu o Visconde do Herval com o 1º C.E. para a estrada de Ascurra onde tomou posição.

Agravando-se os seus padecimentos, consequentes do referido ferimento que sofrera em Avaí, o que não lhe permitia ao menos manter-se a cavalo, solicitou Osório licença para retirar-se do teatro da guerra e recolheu-se ao Brasil. O Comandante-em-Chefe, relutando privar-se de tão ilustre General, de um auxiliar tão eficaz, quer como conselheiro, quer para a ação, em vão procurou adiar a solução do pedido. Na manhã de 16, porém reconhecendo que seu estado de saúde não permitia acompanhar o Exército na marcha que iria executar o Comandante-em-Chefe concedeu-lhe licença para retirar-se temporariamente para Assunção.

A 27 de dezembro de 1869, obtidas algumas melhoras em Assunção apresentou-se e reassumiu o comando do 1º Corpo do Exército na Vila do Rosário.

Agravando-se novamente seu estado de saúde obtém licença para tratar-se no Brasil, embarcando em Assunção no vapor Alice, que o transportou para o Rio Grande do Sul.

PRINCIPAIS ELOGIOS

Por ordem do dia do comando em Chefe Imperial de 5/2/852, foi elogiado "por haver com bravura, perícia e sangue-frio que o caracterizam, carregando à frente de seu Regimento, sobre uma bateria inimiga, tomando-a, pondo em completa derrota os que a guardavam."

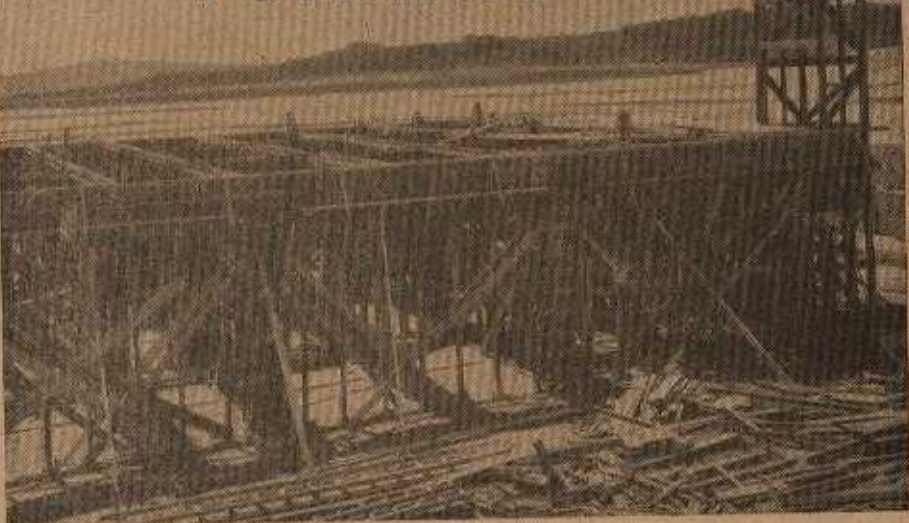
Em ordem do dia do Exército, de 24/2/867, foi mencionado nos seguintes termos:

"Não tenho expressões de que me possa servir para suficientemente manifestar o reconhecimento e gratidão, que devo ao bravo e arrojado Barão do Herval. Os sacrifícios que constantemente tem feito e continua a fazer, permanecendo no teatro da guerra e à testa do corpo de vanguarda do Exército, apesar do estado precário de sua saúde, a vigilância, prudência e circunspeção com que exerce as árduas e laboriosas atribuições a seu cargo, constitui ao por si o maior elogio de tão benemérito General. Sua coadjuvação no desenvolvimento do plano que realizei no dia 12, foi a mais plena e satisfatória."

Em 26 de julho de 1867, foi elogiado nos seguintes termos: "S. Exa., o Sr. Marquês de Caxias tem muito prazer em tecer ao Exmo. Sr. Tenente-General Visconde do Herval os maiores elogios por haver executado satisfatoriamente o reconhecimento do dia 16, dando, como sempre, admirável exemplo aos seus comandados do mais decidido valor, sangue-frio e abnegação."

A 3 de outubro de 1883, foi elogiado pelo Marquês de Caxias nos seguintes termos: "O Comandante-em-Chefe agradece ao distinto Sr. Tenente-General porque desempenhou esta operação, demonstrando mais uma vez seu valor e perícia que o tornam saliente entre os mais bravos deste Exército."

O GIGANTE TOMA FORMA!



Em São José dos Campos, avança em ritmo acelerado a construção da primeira fábrica de caminhões Chevrolet da América Latina!

Um Chevrolet do Brasil para o Brasil!



Dentro de alguns meses, menos de 2 anos após o início das obras, entrará em produção a grande fábrica de caminhões Chevrolet que a General Motors está construindo perto de São José dos Campos. Engenheiros e operários trabalham agora na instalação de dois enormes edifícios: o conjunto da Fábrica é o conjunto da Unifac, de enorme

A nova fábrica produzirá 50.000 motores por ano, destinados a equipar o caminhão Onix do Brasil que a GM do Brasil está produzindo parcialmente em São Caetano. Sua concepção é o resultado de imensa experiência técnica e revela um dos maiores investimentos jamais feitos na indústria brasileira.

GENERAL MOTORS



DO BRASIL S.A.

OSÓRIO É TUIUTI

INSPETORIA DE CAVALARIA (BOL — 1940)

Cel NELSON R. CARVALHO (Do IHGP)

Em original tese, o erudito Davi Carneiro assegura que se Pedro I não houvera afastado apoliticamente a Andrada da arena imperial, o Patriarca estadista, com o não fazer do Uruguai uma área de atritos em vez de estado tampão, teria evitado, por último, até a Guerra do Paraguai.

Mas tampouco teria havido Osório!

Seu nome é uma legenda de bravura. O "Centauro dos Pampas", da feliz conceituação de Gustavo Barroso, evocativo de suas cavalgadas heróicas pelo império e pela Pátria, é de fato o mais popular de nossos heróis militares.

Mas de todas as expressões que se lhe oferecem em consagração, a que mais me toca à sensibilidade de soldado foi a que lhe deu o General Valentim Benício, em memorável Conferência: "Tuiuti é Osório e Osório é Tuiuti!"

Foi de fato Tuiuti a maior batalha campal da América do Sul, a "batalha gêmea" de Riachuelo, a nossa "invasão da Normandia" de 1866, numa vasta operação terrestre-naval combinada, em que os louros do Passo da Pátria, o "canal da Mancha" de nossa imagem "a posteriori", couberam à atuação

espetacular de Tamandaré, o Osório-Caxias de nossa Marinha de Guerra.

E Riachuelo, batalha naval chave da vitória final, pelo sabre do Marquês do Herval, título que este havia pouco conquistara, teve em Tuiuti a sua formidável réplica em terra firme, já paraguaia. Foi "Csén" esta batalha, decisiva também, porque nela o inimigo atiraria o máximo peso de suas armas disponíveis, a fim de, num derradeiro esforço, rebater a incômoda cabeça de ponte prenunciadora de maiores êxitos por seu território adentro.

O dispositivo aliado assentava então em Tuiuti, um golão envólto em densas matas tropicais e em pleno chaco dos esteros, próximo do garfo da confluência Paraguai-Paraná quando, atacado por quatro colunas convergentes, por pouco se não transformou a já sólida cabeça de ponte num desastre de maus prenúncios, ao sopé das defesas avançadas da poderosa "Sebastopol" de Lopez.

Surpresa, houve. Mas como Barroso em Riachuelo, Osório em Tuiuti, juntando gente aqui e ali, jungido ao cavalo como um centauro vigoroso e tonitroante; a coberto da

artilharia que se batizou revólver no canhoneio ininterrupto de Mallet; pela cortina coruscante das baionetas do leonino Sampaio e pelas lanças relampejantes do bravo Neto — pôde o nosso Ney correr aqui e ali, acutillar à direita e à esquerda, para a frente e para trás, por toda a parte enfim, e salvar a jornada surpreendente; transformar, por último, o golfão soturno na arena do Coliseu, em que os valentes gladiadores do potentado guarani "morriam saudando" a César, postado na tribuna de honra de Humaitá!

Estava salva a cabeça de ponte e consolidada a base de operações, até Assunção. E devemo-la a Osório!

Herói da Cisplatina, da Farrópilha e de Monte Caseros, no Pa-

raguai; da "Forja de Concórdia" ao Passo da Pátria, Avaí e Peribebui ras Cordilheiras, bravo e idolatrado de três exércitos, respeitado pelo próprio inimigo, "Osório é Tuiuti e Tuiuti é Osório", na consagração definitiva da História.

Interpelado certa vez por D. Pedro II, que dormitava numa reunião do Conselho e que para despertar deixara tombar o sabre, se "no Paraguai costumava deixar cair a espada", respondeu Osório: — "Não, Majestade; no Paraguai não se dormia!"

Irreverência e símbolo!

Glória, pois, ao Marquês do Heróico, nesta semana comemorativa do sesquicentenário do herói nacional! E glória à nobre Arma de Cavalaria, que o tem por seu lídimo e invicto Patrono!

**COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL
DO BRASIL**

FABRICA BANGÚ

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

CÔRES FIRMES, PERFEIÇÃO E DURABILIDADE

rigidez austera, eletrizava pela coragem, pela generosidade e pelo entusiasmo.

Tendo começado nas lutas contra o Uruguai, é depois na guerra do Paraguai que mostra a plenitude das suas qualidades. Ao lado das forças unidas do Brasil, da Argentina e do Uruguai prova no Tuiuti, a 24 de maio de 1866, como possui a mais fecunda alma de chefe militar, capaz de enfrentar todas as dificuldades, capaz de com seu exemplo e sua fé conduzir os seus homens à vitória gloriosa das armas da sua Pátria.

Humano e grande, sabia manusear os homens, palpar-lhes o coração e insuflar-lhes o entusiasmo. Por isso, o General Dionísio de Cerqueira havia de contar o seguinte passo da batalha, que bem define o valor de Osório:

"Ouvi, e narro com ufania, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte dourando-lhe os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz desfalecida, quando ele passava: Viva o General Osório! Viva Osório!"

Foi a sua bravura que, tendo conduzido à vitória sobre a tirania do Paraguai, pôs fim às perturbações da América do Sul, permitindo uma época de paz e de prosperidade entre as suas repúblicas.

Felto Marechal do Império, já coberto de louros e de glórias, entrou nos passos elevados da política aos 68 anos, como Senador, e aos 70 como Ministro da Guerra. Pouco tempo mais, porém, veio a viver;

pois finava-se aos 71 anos de idade, aureolado pelo prestígio das suas glórias, como símbolo do valor e da grandeza da Pátria brasileira. Toda a sua vida fôra sempre posta ao serviço da Nação, com um desinteresse pessoal extraordinário.

Nascido no meio do povo, sentindo, vivendo e amando esse mesmo povo, o gaúcho brasileiro, simbolizou sempre a eterna generosidade, a alma entusiástica e nobre das classes mais humildes da Nação.

Por isso, Osório foi o chefe militar mais popular do seu país. Ninguém melhor do que ele compreendia o espírito e a alma das massas, ninguém melhor do que ele sabia empregar na fé o entusiasmo das gentes, ninguém melhor do que ele sabia exigir os sacrifícios e compreender as dificuldades de servir. Mas ele era a bandeira eterna da grandeza da Pátria, as qualidades ancestrais da raça, a unidade firme da Nação — a apontar às gerações vindouras o caminho do futuro.

Por isso, a sua vida e a sua obra, contadas em histórias lendárias, subsistem em todo o Brasil a manter o lábaro firme do patriotismo de um povo, que há de ser grande pela segurança do seu valor eterno.

Nesta hora evocativa em que o Brasil inteiro honra a figura prestigiosa de tão ilustre prócer, Portugal e o nosso Exército, que tão ligados andam à origem do grande militar, saúdam a memória de Osório, como o mais belo fanal das virtudes que sempre constituíram a majestade dos chefes militares e que ele provou possuir no mais alto grau — Valor, Lealdade e Mérito.

va Borges, que é um bom exemplar de homem acima do comum; que o acompanha nas lutas para expulsão das hostes portuguesas da Cisplatina, revela quanto viria a ser um soldado valioso. E isto embora o menino externasse sua preferência pela ilustração do seu espírito, desde que nêle penetram as primeiras luzes do ensino primário. O único que adquiriu em curso escolar, fato que muito faz admirar o vigor da sua inteligência, dados os conhecimentos, o saber adquirido no decorrer de sua afanosa existência...

Seu comportamento como cadete eleva-o rapidamente ao posto de *Alferes*. E nesse posto, embora mui jovem ainda, nos embates da campanha dos 33, os que lutam pela independência do Uruguai, revela qualidades de argúcia, coragem e inteligente capacidade de ação, com surpreendente espírito de iniciativas oportunas... Surpreendentes!... Bento Manuel o diz: "Levará sua lança onde levei a minha!... Mais longe ainda!..."

E assim foi... Levou-a tão longe que, no apogeu de sua vida, empolgando os entusiasmos da Pátria vibrante denominaram-no o *legendário*!...

Seus feitos pareciam fantásticos!... Revelam haver nêle um tipo humano predestinado!... Tipo humano dotado de *bravura sem jaca*, tal qual, de resto, a tiveram outros construtores decisivos de nossa nacionalidade, entre os quais não se podem esquecer Henrique Dias, Felipe Camarão e Vidal de Negreiros! E a tiveram tipos destacados como Marcílio Dias e Antônio João. E muitos outros!...

Mas em Osório vemos uma bravura persistente e manifestada nos mais variados tons e ambientes, num labutar incessante de cerca de três quartos de século!...

Não era um bravo, como muitos outros, dos campos de batalha, quando as excitações da luta põem em intensa vibração as virtudes intrínsecas de suas almas. Era um *bravo persistente*, sem intermitências, na

guerra e na paz! É o que revelam seus procedimentos nos labores da vida doméstica e cívica!... No lar e na cidade!...

Havia uma *bravura* incrustada em alma peregrina, na qual a *inteligência* ombreia com o *altruismo*, sem turvações de vaidades e ambiçõeszinhas!... Havia a bravura que éle, melhor do que ninguém, soube definir, como registra o *anedotário*, ao dizer, à dama da Corte que lhe perguntara se nunca tivera medo: "sim, *tive medo*; *tive medo de ter medo*"!...

No exame ponderado de suas reações anímicas, jamais notamos qualquer hesitação na trajetória dos seus procedimentos. E isto, muito embora, às vezes, se apresentassem os ambientes nebulosos ou confusos. Não raro, vemo-lo agir por conta própria, sem se deixar influenciar pelos que dominam o meio social ou por suas confusões.

Não era um homem de letras ou *dizeres*, embora poeta espontâneo. Era-o de fatos e procedimentos ativos, nos quais sempre tem consideração preponderante o interesse público, o dever patriótico, fossem quais fossem as nuances circunstanciais do momento...

Osório mostra-nos uma natureza de elite. O esplendor de sua bravura, que o fez *legendário*, pelo deslumbramento surpreendente que suas atividades, em momento cruciante de nossa História, causaram do Sul ao Norte do Brasil, nada mais era que um dos aspectos fascinantes de sua formação psíquica. Havia nêle as qualidades não comuns que moldavam sua bravura. Não raro, vemo-lo agir e reagir por conta própria, em momentos críticos, testemunhando a sua abnegação e o potencial nêle existente do sentimento do dever cívico. E tudo isto sem mesclas de interesses individuais ou personalísticos, de ambições de lucros, de vaidades e orgulhos...

Ninguém melhor do que éle mesmo o define, quando desatoga em versos o que lhe vai no fundo da

alma, no auge dos esplendores que o enaltecem entre os viventes. Diz ele:

"Mostrou-me a fortuna abertas
As portas dos seus tesouros;
Mostrou-me palmas e louros;
Fêz-me mil milhões de ofertas;
Fortuna tu não acertas!
(Lhe respondo em tom severo)
Os dons que do céu espero
Tu não me podes dar;
Torna as portas a fechar,
Nada que vejo, quero."

* * *

Atentemos para a vida de Osório!...

Viveu e lutou na fase histórica do Brasil que terminou com a guerra do Paraguai, ponto final das heranças do espírito colonial na vida da bacia do Prata. Ponto final, podemos dizê-lo, das soluções *ex-abstracto* no processo da definição dos limites geográficos dos povos do Prata. Ponto final, na solução de nossos problemas da circunvizinhança internacional, apesar de certas ocorrências ulteriores, por via das imposições à mão armada.

A guerra do Paraguai, a mais longa e mais cruenta desenvolvida na América, durante a qual ocorreu a batalha decisiva de Tuiuti, o maior embate de forças bélicas havido em nosso continente, marca indubitavelmente o final de uma fase histórica e, no que diz respeito à vida íntima do Brasil, o início de outra!...

E, no âmbito nacional, por suas consequências, a porta aberta às reações contra o regime monárquico, que os dominadores do poder do Estado, não sabem amoldar às circunstâncias novas da vida civilizada. Isto, quanto ao mecanismo político e a recomposição do processo econômico. Processo econômico, que se deve condicionar aos novos moldes criados pela Revolução Industrial, e cujos efeitos penetram em nosso ambiente, na famosa década dos 50.

Esse período histórico que Capistrano de Abreu descreve magistralmente e Euclides da Cunha denomina o *zênite da Monarquia*. Surge então as necessidades prementes cujo desenvolvimento a guerra estimulava.

A via férrea que se instalara no Brasil na década famosa, logo após a guerra, é lançada pela Argentina ao longo de nossas fronteiras, rumo ao Paraguai. Osório faz sentir aos responsáveis por nossa política a importância que isto poderá ter em caso de um conflito com aquela nação, da qual, de resto, é *cidadão honorário*!... Reclama medidas preventivas adequadas, tais como as que permitam mais fáceis comunicações com as fronteiras do Sul e Mato Grosso, sem dependência exclusiva da via marítima. Mas, isto, somente se vem a solucionar na era republicana, mais ou menos satisfatoriamente...

O trabalho-escravo, de cuja eliminação José Bonifácio cuidara, passa a ser vigorosamente combatido.

A propaganda republicana adquire organização. Entra em vigorosa e sistemática atividade, muito favorecida pelo desequilíbrio da economia e das finanças, que a guerra acentuara...

As forças armadas, marcadamente o Exército, reclamam readaptação às condições novas da guerra. Fazem-se reformas embora deficientes, dadas as circunstâncias dominantes no momento, entre as quais a exuberância do partidarismo na ação pública, o qual também as envolve...

Elas que, desde a Independência, vivem mais ou menos entrosadas com a *politiquice*, fermentam; e se não explodem é porque as dominam duas personalidades de acentuado valor patriótico: Caxias e, sobretudo, Osório...

Mas, após o trânsito de ambos para a eternidade, simultaneamente, um, Osório, a 4 de outubro de 1879, outro, Caxias, em 7 de maio de 1880, que as conteria?

Até então, Caxias que, embora não concebesse o Brasil sem a Mo-

narquia, fôra o *patriota* que assegurara por sua atuação inteligente e hábil, a *unidade nacional* ameaçada pelos dissídios advindos da luta pela Independência, completando a obra sábia de José Bonifácio, tal qual Osório, era fator decisivo nas reações dos militares. E Osório havia sabido resistir, com a sua energia e o seu costumeiro denodo, às seduções que sobre ele tentaram os republicanos...

Havendo por lema servir a *Pátria* fosse qual fosse o seu governo, repelira a tentativa de se fazer a *república prematuramente*, dizendo que ela adviria a seu tempo... Embora no Clube dos Republicanos se houvesse erigido o seu retrato e personagens, como o Conde de Porto Alegre, condicionassem a sua adesão à de Osório, não se deixara seduzir!...

Falecidos ambos, que força moral conteria as tendências à rebeldia, excitadas e justificadas pela deficiência dos governantes no poder ou fora dele?

Mais... Fixemos nossa atenção sobre Osório, força moral espantosamente empolgante. Parece caso singular nos anais de nossa história, se atentarmos para o processo lento, persistente e continuamente crescente de sua alma de devotado patriota que acidente algum transvia de sua rota. Não hesita, não vacila... Não se turva com vaidades!...

Suas reações anímicas merecem ser meditadas. Merecem-no mormente nesta hora em que vivemos quando sobejam os *confusionistas* e escasseiam os capazes de verem os acontecimentos sem sujeição ao que pensam ser comodidades, ou a conquista de *vantagens pessoais*... Hora em que não rareiam os *inocentes úteis*...

Osório, mal ingresso no oficialato do Exército, frisemos, ainda bastante jovem, se conduz de tal modo, no entrevêr das lutas armadas, que impressiona veteranos como Bento Manuel, tal qual, já referimos.

Depois, dia a dia, na paz ou na guerra, vai firmando o vigor de sua alma, e mostrando a sadia inteligência de suas percepções do que é *interêsse patriótico*, através de situações confusas e de acidentes que, não raro, parece irão sacrificá-lo! E assim, reagindo sempre no ambiente dos bulícios da fronteira sulina, adquire tal prestígio que coisa alguma eficaz, por lá se pode fazer, sem seu pleno concurso.

Nesse labutar, da juventude à maturidade, não empolga somente os que o rodeiam; domina, por fim, toda a Pátria. E mais ainda, deslumbra além fronteiras... É festejado pelos povos vizinhos. Faz-se *cidadão argentino* e no Uruguai nada mais valia que uma recomendação sua, tanto para *colorados* ou *blancos*, mesmo quando estavam em luta de armas na mão!

E tudo isto ocorre sem que quaisquer feitos ou simples suspeitas contra ele, tentadas levantar por adversários pobres de espírito, jamais possam ser consideradas em seu desabono!...

E, no entanto, sua ascensão na luerarquia militar se faz lentamente e o *marchalato* a que atingiu, galgou-o por força da antiguidade, apenas como *graduado*...

Tal era o seu prestígio quando irrompe a guerra do Paraguai que, conforme assinala Silveira Martins, para comandar em chefe nossos exércitos naquelas lutas só se viam dois homens: Caxias ou Osório!

Não era, porém, somente empolgante como militar. Vemo-lo, ainda, invicto no labutar político partidário, no qual também é só o *interêsse pátrio* que sempre prevalece em suas atitudes. Não era um ambicioso de posições ou *caçador de lucros*. E, tanto assim, que somente vem a ser escolhido senador, após o terceiro escrutínio, em que pela terceira vez o eleitorado lhe dera preferência. E isto no fim da vida, quando era já em todo o Brasil "*Osório, o legendário!*"... E isto sem que o disputasse!...

De Senador, vai a Ministro da Guerra, no exercício de cujas funções vem a falecer.

E então, já em tais alturas, quando o contemplamos, surpreende-nos ver nêle *mutatis mutandis* a mesma personagem do jovem que empolgara Bento Manuel! E isto tanto mais quanto, ninguém tanto quanto êle, fôra cercado de lisonjas e seduções, e possuísse o poder de fascinação das massas e das elites, de que fôra dotado!

Nessa posição de Senador e Ministro, vemos o homem feito nos campos de luta da fronteira, sem haver frequentado cursos ginasiais ou acadêmicos, debater com o melhor bom senso e lucidez de espírito, as questões do momento, não raro, embaraçando os seus eruditos opositores...

Desde então, não admiramos somente nêle a sua coragem e o seu denodo nas refregas das campanhas do Sul. Surpreende-nos o valor de sua inteligência e a sensatez e boa cultura de sua personalidade, tão destemerosa quão modesta.

Vale a pena recordar como, Senador e Ministro, soube reagir aos ansiosos de progresso, em plena crise econômica e financeira decorrente do choque da guerra do Paraguai.

Não se opõe aos que almejam reformas úteis ao nosso progredir, mas rejeita os seus métodos. Vê o progresso como derivado da ordem dinâmica e não como fruto de balbúrdias, ou porta aberta aos caçadores de lucros, ao prosperar dos oportunistas!

É isto, que nos informam os anais do Congresso, onde se registram dizeres de Osório, como estes:

— "Não posso deixar de reconhecer que após os angustiosos anos da guerra do Paraguai, a vitória endoiçou a todos; ficaram os homens alucinados pelo prazer do triunfo, e começou-se a gastar mais do que se podia, ostentando grandezas e fazendo presentes sem ter com quê. Pensou-se que não se acabava o cré-

dito e o dinheiro. Não sabemos ainda — (o grifo é nosso) — até onde esse erro se fará sentir; mas, as economias não de ser obrigatórias ou tudo isto há de voar! Não haverá remédio ou miséria ou trabalho com economia" (Senado, 7 Fev 879)."

— "Se os que governam não acreditam nos fatos andarão enganados toda a vida" (Senado, 8 Out 877).

Tais dizeres não se aplicam ainda hoje? Não vale a pena meditá-los?...

* * *

Lembre-mos de Osório!...

A evocação de sua personagem, em comemoração cívica do sesquicentenário de seu nascimento, lembrando sua cooperação nas atividades construtoras de nossa Pátria, serve, por certo, de alento aos que vivem como seres humanos. Sêres que, como constatou Aristóteles, são animais, sem dúvida, mas distintos dos outros por suas funções sociais e políticas. Sociais, porque só podem evoluir no âmbito da família, da pátria e hoje, da humanidade, desprendendo-se o mais possível do seu inevitável condicionamento à natureza bruta... Políticos, porque o seu consciente labutar nos aglomerados sociais em que vive, deve sempre ser inspirado pela idéia de evoluir sem desordens nem tumultos, sem desrespeito às leis da Natureza!... Sim, visando sempre o melhor futuro. Sim, labutando no presente, conforme ensinam as experiências do passado...

Felizmente, em nosso Brasil, não faltam exemplos de procedimentos dignos, desde que aqui aportaram os lusitanos. De sua raça, dos indígenas e dos negros, nos momentos críticos de nosso viver sempre desponsaram personalidades acima do mesquinho vulgar. Indivíduos que não hesitaram em se sacrificar pelos melhores interesses das coletividades humanas habitantes destas terras, sem pensar em lucros ou em bafejos de lisonjas...

Desde que o Brasil se desprende das amarras coloniais, impõem-se ao nosso meditar, atividades, entre outras, como as de José Bonifácio, Caxias e Osório!

José Bonifácio é o sábio naturalista que não vacila em fazer-se soldado para defender Portugal da agressão bonapartista, e que vem depois assegurar a nossa unidade nacional, através da revolução da Independência.

Caxias complementa essa obra, liquidando enérgica e hábilmente as contendas surgidas com a Regência.

Osório labuta, como registramos, nos cenários da fronteira sulina até a liquidação das heranças coloniais flamejantes na bacia do Prata. Depois, reage em pleno Brasil, em prol do seu progresso sem desordem...

Ele e Caxias dão-nos edificante exemplo do que é cumprir o *dever militar* com alma de patriota inteligente, na qual o *individualismo* não esquece, nem sombreia, o *civismo*.

Eles são o *nobre* e o *plebeu* que se respeitam e estimam e cujos méritos jamais, um e outro, olvidam, sejam quais forem as divergências que, em dados momentos, os possam envolver...

Mas, Osório é o *plebeu* que se faz *nobre* com *grandeza*! É o homem do campo que emerge no tumulto da vida coletiva de nossa sociedade, reagindo, dia a dia, de tal modo que nos faz pensar nas obras-primas do gênio humano! Dos que dão vida à natureza bruta!

Vendo-o hoje em efígie, temos ímpetos de clamar, embora mal comparando, como o fez Miguel Angelo, enlevado pelo primor de sua escultura de *Moisés*: — *Parla!... Parla!... Sim, é o gaúcho aprimorado que se faz, dia a dia, um cidadão empolgante dos entusiasmos nacionais. De ontem e de hoje!...*

Osório!... *Parla!... Sim, fala-nos agora quando tanto precisamos de homens como fostes!...*

Sim! Osório jamais titubeou, mesmo em momentos decisivos, quando tudo havia mister de arriscar, em prol do interesse nacional. Nunca temeu intrigas, nem em qualquer oportunidade se deixou levar pelos lisonjeiros! Jamais vacilou em sacrificar o seu *eu*, e os que dele dependiam, aos interesses da comunidade nacional!

Hoje, recordando o seu viver, sentimos por ele mais do que respeito e entusiasmo, *fascinação*!... Fascinação enevoadada de tristeza! Tristeza por não constarmos haver tido sempre bastante seguidores!...

Recordando o que foi e como foi sua existência, os seus dizeres e procedimentos, somos levados a implorar, nesta hora em que vivemos: *Parla!... Osório, fala!...*

Osório! Osório! inspira a nossa gente! Alenta a nossa juventude para que melhor saiba viver os dias de amanhã!...

NOTA — Este artigo foi elaborado para a A DEFESA NACIONAL e a "Revista de Intendência da Aeronáutica".

PENSAMENTOS E DIZERES DE OSÓRIO

1. A farda não abafa o cidadão no peito do soldado (Registrado por Fernando Osório).

2. Deve-se antes de tudo servir à Pátria, seja qual fôr o seu Governo.

3. Tenho, como soldado e cidadão, bastante amor ao meu país para não esmorecer, e, menos ainda, recuar diante de dificuldades que resultam da natureza das coisas. (Carta ao Ministro da Guerra — Em 5 Dez 1860).

4. Enquanto houver guerra, não tenho partido (político), porque os partidos desunem os brasileiros, e a desunião é a fraqueza e a derrota. (Carta à sua esposa, 4-X-1868).

5. A opressão nem sempre deixa de produzir a reação do espírito. (Carta ao Conde de Pôrto Alegre, em Fev de 1869).

6. Consagro à Pátria o culto mais ardente e, para servi-la, quizer ser o mais perfeito dos homens. (Of. em agradecimento à Sociedade Beneficente e Humanitária — 31-III-1869).

7. O egoísmo não admite virtudes patrióticas — (Carta ao Conde de Pôrto Alegre, 5-I-1870).

8. Quando se trata de interesse público, reflito antes de agir. (Citado na História do General Osório, de Fernando Osório).

9. A falta de energia da autoridade acoroça a licença e a rebelia; as arbitrariedades provocam

a indignação e a revolta. (C. a Silva Ferrez, 17-IV-1858).

10. Governo reto, governo amado; governo frouxo, povo rebelde. (Idem).

11. A autoridade que pratica a justiça cria o respeito e a obediência espontânea; o ataque ao direito, cria a resistência e desobriga o dever (I. H. G. B. — Coleção Osório — Doc. 1.142).

12. Muito nos iludimos pensando que o povo é insensível ao desprezo disfarçado dos que mandam. (Carta a Sinimbu, 21-V-1879).

13. O tempo é das ciências, das letras, da civilização; a força dos governos não reside nas metralhadoras e canhões, nem no despotismo e violência contra os povos, mas sim no império da Justiça, no respeito ao direito de todos e à liberdade. (Resposta a Sinimbu, no Club da Reforma, Rio, 28-V-1877).

14. De política na Pasta da Guerra não quero saber, faço a minha obrigação e, quando deixar de ser Ministro, não levo saudades. (Discurso no Senado, 7-II-1879).

15. É muito mal cabido e muito pouco político que se faça cortesia ao Exército e ao povo com o chapéu do Ministro da Guerra. (Senado — 16-IV-1877).

16. É mesmo um desfôro pensar esta gente que os Ministros deviam ser procuradores de seus negócios particulares. (Carta a Fernando — 10-VI-1878).

17. O espírito de política de aldeia na administração, prejudica o interesse público. (Carta a Homem de Mello — 20-I-1867).
18. Quem está à frente de um serviço não pode declinar da responsabilidade que lhe cabe. (Of. ao Cirurgião-Mor — História do General Osório — 2º vol., pág. 95).
19. As notícias podem ser falsas mas é bom prevenir-se. (Carta a David Canabarro — 1865).
20. A força moral do soldado aumenta quando é bem comandado. (Carta ao M.G. — 2-XI-1865).
21. Enquanto a vitória não está consumada, não se destroem forças. (Carta a Fernando Osório — 14-XI-1870).
22. É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrá-lhes o caminho do dever. (Ordem do Dia — 15-IV-1866).
23. A glória é a mais preciosa recompensa dos bravos. (Ordem do Dia — Batalha de Tuiuti — 1866).
24. Quando há capacidade, se todos ajudarem um pouco, faz-se muito. (Carta a Mascarenhas — Arapeí — 22-VIII-1876).
25. Toda a minha vida tem sido de dificuldades vencidas com prudência e paciência. (Carta a seu filho Francisco — 31-III-1877).
26. As provações são a escola do bom soldado. (Corr. com o M.G. na Guerra do Paraguai).
27. É preciso saber sofrer o que se não pode remediar. (Senado — 7-II-1879).
28. Não posso consentir que com o meu nome se prejudique a bem assentada reputação do meu amigo. (Carta a Caxias — 23-VI-1868).
29. A gratidão pessoal não me deixaria de dizer a verdade inteira aos meus concidadãos. (Carta a Fernando, seu filho).
30. Os foros de grandeza envaidecem os bobos; para mim, a dignidade de procedimento é o que vale. (Carta a Francisco, seu filho — 31-III-1877).
31. O soldado prático sabe aproveitar o tempo; a guerra não se faz com ofícios, dúvidas e consultas. (Of. ao Cdo. da força em trânsito por Montevidéu — 11-I-1865).

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — Caixa Postal, 1239

END. TEL. "RIOINCO"

Telefone : 23-5928 — (Rêde Interna)

Gerência : 43-1112 — Diretoria : 23-0556

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

UM GRUPO DE 35 GUARDAS-MARINHAS CONCLUIU O CURSO DE ALIMENTAÇÃO APLICADA NO SAPS

PONDO EM DESTAQUE A INICIATIVA FALARAM O DIRETOR-EXECUTIVO DA AUTARQUIA, O DIRETOR DA ESCOLA NAVAL E OUTROS ORADORES

Em cerimônia realizada ontem no auditório do SAPS, que se apresentava ornamentado e completamente lotado por convidados e estudiosos da Ciência da Nutrição, 35 Guardas-Marinhas do Serviço de Intendência da Escola Naval, receberam os diplomas de conclusão do Curso de Alimentação Aplicada, dirigido pelo nutrólogo Mendes Monteiro. Entre os convidados viam-se o General Luiz de Azevedo Évora Diretor-Executivo do SAPS, que presidiu a solenidade como representante do Coronel Benedito Gama Diretor-Geral da instituição; o Vice-Almirante Américo Jacques Mascarenhas Silveira, diretor da Escola Naval. Capitão-de-Fragata Manoel Ferreira da Silva Pinto Juníro, Chefe do Departamento de Intendência da Escola Naval; Capitão-de-Fragata Ivam Borges Feitosa, Chefe do Departamento de Guardas-Marinhas; Capitão-de-Fragata Waldyr Paixão Carrera; Capitão-de-Corveta Heitz Hermann Ávila Carl; Professor Dante Costa, diretor dos Cursos; Dr. Pedro Freire, Delegado Regional; Nutrólogo Guilherme Franco, Diretor da Divisão Técnica; Sr. Sér-yulo Távora, Diretor da Divisão de Propaganda, Nutrólogos, Nutricionistas, Presidente do Diretório Acadêmico dos Nutricionistas, Presidente do Clube dos Jovens da Unesco do SAPS, e alunos dos cursos da Autarquia. Falando na abertura da solenidade o General Luiz de Azevedo Évora aludiu à significação e à importância dos Cursos do SAPS, como da alimentação aplicada, concluindo por saudar os 35 Guardas-Marinhas que ali estavam para receber os diplomas de conclusão deste último, certo de que os ensinamentos que lhe foram ministrados seriam transmitidos por eles aos componentes da nossa Marinha de Guerra, pioneira de grandes realizações de sentido nacional. Cessados os aplausos da assistência, fez uso da palavra o nutró-

logo Mendes Monteiro, diretor do curso, para congratular-se com os alunos e com a Marinha pelo clima de cooperação e compreensão em que decorreram as aulas.

Coube ao Vice-Almirante Américo Jacques, ressaltando o papel do SAPS na melhoria das condições alimentares dos seus comandados, os quais estavam agora habilitados a levar a todos os brasileiros os ensinamentos recebidos no Curso de Alimentação Aplicada. Por isso — afirmou — expressava sua gratidão aos dirigentes do SAPS.

Em nome de seus colegas falou também o guarda-marinha Américo Antônio Balbino da Silva, que agradeceu aos professores e a todos que servem nos Cursos a acolhida que tiveram e a maneira como foram tratados.

Encerrando a brilhante cerimônia, o Professor Dante Costa dirigiu palavras de incentivo aos jovens oficiais, que acabavam de concluir com inegável proveito o Curso de Alimentação Aplicada.

OSÓRIO - POETA

ROBERTO MACEDO

Produto agreste do solo americano sem artificios de estufa, crescido ao sol dos pampas, caçador desde criança, cavaleiro que surgia em pé no lombo da montada, leal como as coxilhas que nada occultam, o General Osório foi um dos tipos mais completos de autodidata que o Brasil tem produzido. O povo idolatrava-o. A soldadesca, que é o povo fardado, desrespeitava a disciplina em explosões de entusiasmo, saindo de fôrma para cortejá-lo. Todavia, no grande Osório, que se encharecava de chuva e enxugava a roupa no corpo ao clarão das fogueiras, não havia apenas o homem de seiva bruta, capaz de ser confundido com um soldado por quem o desconhecesse.

Tal é, sem dúvida, um dos seus traços dominantes; e por isso as multidões nunca o viram como marquês ou como Marechal-de-Campo. Ele ficou sempre o General Osório.

Mas não é o único êsse característico: Osório discursava no Senado com alguma fluência, entre lampejos de um chiste especial; e nos salões afidalgados, ao ritmo dos volteios coreográficos, brilhava nêle o perfeito homem de sociedade — fino com as damas, pronto na réplica, esparto na conduta e até romântico. Romântico, não só pelo cunho de certas atitudes, como pelo sabor de seus versos, nos quais tão pouco se fala.

Osório, poeta romântico! O Marquês do Herval, poeta repentista! Isto soa inesperadamente, como se, puxando um gatilho, ouvissemos um arpejo. Mas a verdade é que o nosso Bayard muitas vêzes trocou a espada pelo galho de salgueiro com que escreveram quase todos os nossos românticos. Já Olavo Bilac dizia que os nossos poetas não devem ser medidos com um conta-sílabas e sim com um conta-lágrimas.

Também Osório chorou em rimas. E a musa não era nascida nas espumas de devaneios. Chamava-se Ana. Não a desposou. Mas, quando Tenente, inspirava-lhe ela versos assim:

*Só vivo quando te vejo,
Dia e noite penso em ti.
Se nasceste para amar-me,
Eu para te amar nasci.*

Ou então:

*Ausente dos teus encantos,
Sem teus lindos olhos ver,
Tudo me causa desgosto,
Nada me causa prazer.*

Nessas quadras ingênuas de rima fácil e aceitável musicalidade, estão empregados, por certo inconscientemente, rigorosos processos literários, como a antítese, preconizados pela técnica da versificação.

Osório, poeta espontâneo, não lia tratados, mas deixava falar o coração. E às vezes o seu coração falava através de erupções amorosas bastante expansivas, como por exemplo neste soneto:

Em desejos ardendo o teu amante,
Oh! Lília! o triste humano que te adora
Por gozar-te suspira, geme e chora,
Sem que possa beijar-te em doce instante.

Que vale o meu amor se delirante,
Entre a chama fatal que me devora,
Não me conta ditoso uma só hora
O prêmio que me dás de ser constante?

Ó Lília bela, o meu queixume escuta,
Tem dó deste infeliz que é todo teu
E a glória de adorar-te só disputa.

Cede o que a natureza te cedeu,
Dá-me a palma do amor na doce luta,
Dá-me os mimos que o Céu te concedeu!

Mais risonho é o repentista, que glosava motes tão facilmente como comandava cargas de cavalaria. Certa vez, entrando numa barraca de oficiais, um deles, poeta canhestro, procurava certa rima fugitiva. "Achei!" — gritou de repente. Porém voltou, desapontado: — "Mau! Agora é a pena que tem gordura no bico!" Pôs-se a limpá-la, desconsoladamente, enquanto um dos presentes lia os versos truncados:

Neste triste acampamento
A que o fado me condena...

E Osório imediato:

Quero escrever os meus males...
Tem graça o bico da pena!

Muitas poesias deixou o nosso grande cabo-de-guerra, algumas populares no Rio Grande do Sul.

No glorioso vencedor de Tuiuti hibernava o embrião de um trovador, cujo temperamento lírico morreu sufocado pelas contingências da vida áspera que levou. O maior merecimento de Osório não estará nas poesias em si, mas no fato de ter escassamente frequentado escolas primárias, uma delas dirigida pelo sapateiro Miguel Alves, e onde certamente aprenderia melhor a bater sola do que a conjugar verbos.

O que faltou ao intrépido brasileiro foi a oportunidade. Inteligência maleável, vivíssima faculdade de apreensão, cresceu entretanto como planta sem jardineiro.

Ele próprio o disse, na tribuna do Senado:

— Não tenho pergaminhos, mas nem por isso sou inimigo da ciência; tanto a desejei que cheguei a obter licença para estudar, mas não pude aproveitar-me dela, porque envelheci nos campos de batalha...

E isso não era poesia quimérica, mas verdade positiva e melan-cólica.

"A DEFESA NACIONAL" recomenda a seus leitores, pela excelência dos produtos que podem oferecer e pela aprimorada organização com que se apresentam, além das anunciadas noutros locais desta Revista, mais as seguintes Casas ou Firmsas :

E. R. SCHEID — Papelaria, Tipografia, Carimbos de Borracha e Material de Desenho — Fornecedor dos Ministérios Militares — Av. Presidente Vargas 529-S/1211 — Tel. : 23-4830.

PNEUS GENERAL S. A. — Matriz : Rio, Av. Presidente Wilson, 165, 9º andar — Tel. 42-4092 — Filiais : Rio, Av. Brasil, 555 — Telefone 28-4135 — São Paulo : Rua Bento Freitas, 146-150 — Telefone 34-4699 — Curitiba : Av. 7 de Setembro, 1927-1941 — Distribuidores : Belo Horizonte — Pneumasa — Pneus, Máquinas e Acessórios S. A. — Av. Olegário Maciel, 484 — Tel. 2-4731 — Porto Alegre : Cronwood S. A. — Rua Garibaldi, 664 — Tel. 6150 — Salvador : Simtral — Sociedade Importadora de Máquinas, Tratores e Acessórios Ltda. — Av. Frederico Pontes, 120 — Tel. 6014 — Caixa Postal 720 — Agentes Depositários — Recife : Denis Paredes & Cia. — Av. Guararapes, 154, 5º andar — Tels. 6985 e 7875 — Caixa Postal 469.

FABRICA DE SACOS DE PAPEL — Artigos escolares e para escritórios — Papéis em geral — Barbantes — Caixa Postal n. 4538 — End. teleg. "JOMECRI" — Jorge, Mendes & Cia. — Fábrica : Rua 29 de Julho, 220 — Depósito : Rua Flávia Farnese, 120 — Escritório e loja : Praça 11 de Junho, 203-A — Tel. 52-2094 — Rio de Janeiro.

LATICINIO CRISTAL — M. Pereira Coronha & Cia. — Rua São Francisco Xavier, 176 — Tel. 28-2616 — Distrito Federal.

GRAFICA ARTECOR LTDA. — Tricômiás — Policômiás — Rua Flack n. 138 — Tel. 29-5689 — Rio de Janeiro.

RADIO TÉCNICA ATLAS — F. Perroni — Acessórios para rádios — Travessa Rodrigues Marques, 127, Bangu — Tel. 448 — Rio de Janeiro.

A METALÚRGICA FEDERAL — Fundição de Metal e Bronze — Rua Alfredo Dolabela Portela n. 89 — Tel. 43-2010 — Rio de Janeiro.

"DILAMI" DISTRIBUIDORA NACIONAL DE LAMINADOS S. A. — End. tel. "Dilaminos" — Rua Camerino n. 87 — Tel. 52-2174 — Rio de Janeiro.

SOCIEDADE ARMAZENADORA E COMERCIAL ATLANTICO LTDA. TRANSPORTES URBANOS — Armazenagens de mercadorias em geral — Rua Santana n. 21 — Tel. 43-2768 — Rio de Janeiro.

MACHADO CARNEIRO S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO — Madeiras e Materiais de Construção — Cereais — Charque — Manteiga — Produtos químicos — Rua do Acre n. 90, 7º — Tel. 43-2482 — Rio de Janeiro.

FABRICA DE CALÇADOS CORCOVADO — Indústria brasileira — Del-fim, Madeira & Cia. Ltda. — Rua Antunes Maciel n. 81 — Telefone 28-3706 — Rio de Janeiro.

JORGE MENDES & CIA. — Papelaria em geral — Praça 11 de Junho, 203-A-loja — Rio de Janeiro.

- NOTRE DAME DE PARIS** — Modas e Tecidos em Geral — Largo de São Francisco, 18 — Rio de Janeiro.
- "ATLAS COMERCIAL" EQUIPAMENTOS E MATERIAIS LTDA.** — Escritório: Av. Almirante Barroso, 72-13º And. — Tel.: 22-9981 — Rio de Janeiro.
- LABORATÓRIO J. AUBRY & CIA LTDA.** — Rua Prudente de Moraes, 1420 — Ipanema — Rio de Janeiro.
- GUSTAVO VEIGA & CIA.** — Rua dos Andradas, 72-Loja — Rio de Janeiro.
- IMPORTADORA UNIVERSAL LTDA.** — Rua Sacadura Cabral, 55 — Rio de Janeiro.
- HOTEL EXCELSIOR** — Av. Atlântica, 1800 — Rio de Janeiro.
- COMPANHIA FARMACEUTICA BRASILEIRA** — Vicente Amato Sobrinho — Matriz: São Paulo — Filial: Rua Senador Dantas n. 48 — Rio de Janeiro — Tels.: 42-0335 e 42-1316.
- REMINGTON RAND DO BRASIL S.A. (CASA PRATT)** — Máquinas de escrever, Máquinas de calcular, Máquinas tabuladoras. Arquivos e Fichários — Rua Buenos Aires, 283 — Rio de Janeiro.
- COMPANHIA FIAÇÃO TECIDOS "COVILHA"** — Casemiras finas de pura lã — Fábrica: Rua Garibaldi, 169 a 187 — Caixa Postal, 1853 — Rio de Janeiro.
- BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL** — Matriz: Avenida Rio Branco 39/41 — Tel.: 43-4885 — Filial: Avenida Nilo Peçanha, 12 — Tel.: 52-6122 — Agências: Campo Grande — Av. Cesário de Melo, 1188-b — Tel.: CGR 648 — Madureira — Travessa Alice de Freitas, 43-A — Tel.: MHS 1022 — Jacarepaguá — Av. Geremário Dantas, 56 — Tel.: JPA 453 — Méier: Rua Frederico Méier, 22 — Tel.: 29-7915 — Penha: Rua Custódio de Melo, 81-A — Tel.: 30-5311.
- COMPANHIA CARNASCIALI INDÚSTRIA E COMÉRCIO** — Avenida Beira Mar, 200-1º And. S/201 — Rio de Janeiro.
- COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA** — Rua Marquês de Sapucaí, 200 e José Hígino, 115 — Rio de Janeiro — Filiais em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Passo Fundo, Belo Horizonte, Bahia e Recife.
- FABRICA DE MÓVEIS IRMAOS UNIDOS** — Carpintaria e Marcenaria — CUNHA IRMÃO — Tel.: 32-1626 — Rua Júlio do Carmo, 112 e Rua Benedito Hipólito, 105/7.
- ALFAIATARIA BOTAFOGO** — Artigos finos para homem — JARBAS LISBOA — Rua São Clemente, 85 — Botafogo — Tel.: 26-2977.
- MARCENARIA ITAJAHY** — Caixas para vitrolas e móveis em geral — Rua Nóbrega, 163 — Niterói — Estado do Rio.
- ORGANIZAÇÕES OLIVEIROS** — Serviços de Carpintaria e Marcenaria — Esquadrias — Móveis em qualquer estilo — Armários imbutidos, etc. — E. VILLAS BOAS — Tel.: 42-7220.
- IMOBILIARIA ESTRELA DO BRASIL** — ZELMAN GAMIS — Rua João Vieira, 693 — Rio de Janeiro.
- INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MINERAÇÃO S. A. — "ICOMF"** — Empresa de Mineração — Av. Presidente Vargas, 290, 10º Tel. 23-5990 — Rio de Janeiro.

BATALHA DE TUIUTI

(Conferência realizada pelo Maj JOAO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO, perante oficiais e cadetes da Escola Militar de Resende)

1 — PRÓDROMOS DA BATALHA

Quis Sua Exa. o Sr. General Comandante desta Escola fôsse, nas comemorações do 81º aniversário da Batalha de Tuiuti, dada a palavra a um Cavalariano.

Assim determinou, cremos nós, mais como uma homenagem à arma de Osório do que pelas aptidões de que somos capazes.

Se desvanecidos ficamos com essa indicação, também satisfeitos nos sentimos pela contribuição que possamos dar, pequena que seja, para a formação moral dos nossos camaradas mais jovens.

Sejam, pois, as nossas primeiras palavras de agradecimento, em nome da arma, pela gentileza que envolve a ordem de Sua Exa., indicando para falar à mocidade militar do Brasil, neste dia festivo, um dos menos autorizados representantes da Cavalaria Brasileira.

* * *

Não nos detenhamos nas causas remotas e imediatas que levaram o Brasil e seus aliados à guerra com o Paraguai. Deixemos que falem os mestres de História Militar, mais precisos e abalizados, sobre a análise de todos os fatores.

Entretanto, para que mais objetiva se torne uma rápida exposição do que foi a Batalha de Tuiuti, forçoso é que recordemos, em linhas gerais, as operações que antecederam a esse grande feito das armas brasileiras.

Lopez estava preparado para a guerra; dispunha, já mobilizado, de um Exército de 90.000 homens instruídos e bem armados. O Brasil dispunha, no momento, de 18.000 homens em armas, espalhados por todo o seu vasto território e mais 12.500, que ainda operavam contra o Uruguai.

Uma das causas que levaram Lopez a nos agredir foi justamente essa intervenção do Brasil na política da República Oriental; sabia o ditador que Paissandu, cidade uruguaia, seria em breve investida pelas nossas forças e pelas de Flores.

Não dispondo Lopez de esquadra suficiente para fazer frente à brasileira, incumbida de cooperar com as nossas forças até Montevideu, resolveu invadir a província de Mato Grosso, com o objetivo duplo de obrigar os brasileiros a abandonar a empresa contra Aguirre e se apoderar de territórios a que se achava com direito.

Para isso enviou duas colunas que, partindo de Concepción, deveriam se apossar, uma de Coimbra e Corumbá e a outra de Dourados, Nioac e Miranda.

A primeira iria pelo Rio Paraguai, sob o comando de Barrios, e dispunha de 5.500 homens de desembarque e 63 canhões; a segunda, sob o comando de Resquin, possuía 5.000 homens, principalmente Cavalaria, e 6 canhões.

O que foi a invasão de Mato Grosso, desprovido, que então estava completamente, de meios de defesa, dizem bem os atos de heroísmo de Antônio João e Oli-

veira Melo; aí está a epopéia da retirada da Laguna, que por si só bastaria para dignificar um Povo!

Não chegaram essas duas colunas a operar sua junção, como era do plano paraguaio, visando a tomada de Cuiabá, porque os poucos recursos de que dispunha a região, a distância demasiada a que ficaram as fontes de abastecimento e o imenso pantanal do Rio Taquary, obrigaram os paraguaios a contramarchar, deixando ocupadas nossas cidades por destacamentos, e sinais de violências e barbaridades por toda a parte.

Ao chegar a Assunção a notícia das vitórias de Resquin e Barrios e a entrada naquela Capital dos troféus e produtos do saque, grandes festejos foram realizados, tão convictos ficaram os paraguaios de ser o Brasil uma presa fácil.

Lopez imaginou logo que uma guerra levada a fundo em território brasileiro obrigaria o Brasil a pedir a paz, tanto mais que a invasão pelo Rio Grande do Sul atrairia as forças que operavam no Uruguai, aliviando a pressão contra Aguirre.

E o ditador, com 15.000 homens concentrados em Itapúa, e 30.000 em Passo da Pátria, pede à Argentina permissão para atravessar a província de Corrientes com tropas, permissão que Mitre, presidente da República, negou, a fim de manter a neutralidade, que era do seu interesse conservar no conflito. E Lopez declara guerra à Argentina, tendo antes o cuidado de se apossar de vários navios seus e invadir a província de Corrientes, fazendo com que uma coluna comandada por Robles descesse o Paraguai e tomasse a Capital da província, declarando-a independente e sob o protetorado paraguaio.

Essa coluna de Robles aumentou dia a dia, chegando a atingir o efetivo de 30.000 homens e 30 canhões, e, marchando paralelamente ao Rio Paraná, ocupou, com seu grosso, a cidade brasileira de Bela Vista.

Deveria Robles fazer junção com a coluna que invadia o Rio Grande,

mas, devido à presença da Esquadra Brasileira, e também receoso de que se repetisse o audacioso "raid" do General Paunero a Corrientes, resolveu Robles contramarchar, a fim de se fortificar, com o grosso do Exército, na foz do Riachuelo, a 15 km da confluência com o Rio Paraguai.

Seguiu-se a batalha de Riachuelo, em que a Esquadra Brasileira se cobriu de glórias, ficando os aliados com as águas do Paraná-Paraguai livres para o reabastecimento, mercê do esforço e do heroísmo de Barroso.

Enquanto isso, a coluna paraguaia concentrada em Itapúa atravessa o Rio Paraguai, em frente a Posadas, sob o comando de Estigarribia, e ocupa S. Tomé; bifurca-se em seguida, invadindo uma parte, sob o comando do próprio Estigarribia, o Rio Grande do Sul, apoderando-se de São Borja, Itaqui e Uruguaiana, enquanto a outra, às ordens do Major Duarte, segue pelo território argentino na direção de Paso de los Libres.

Resolveram os generais aliados atacar então as forças de Estigarribia e Duarte, antes que fosse feita a sua junção com o grosso do Exército paraguaio.

As primeiras forças aliadas estavam concentradas em Concórdia, cerca de 12.500 brasileiros; sob o comando de Osório, 4.500 argentinos, sob Mitre, e 2.500 uruguaios, sob Flores. Esta marcha sobre a coluna Duarte, juntando-se às forças de Paunero que, voltando do Norte, estava em Esquina, à frente de... 4.500 homens; é destruída a coluna Duarte, que cai prisioneiro; Uruguaiana é cercada pelas tropas aliadas de Flores, Mitre e Porto Alegre, e Estigarribia rende-se ao Imperador D. Pedro II, que fôra pessoalmente assistir às operações.

Ficara assim frustrado o plano de Lopez de invasão do nosso território e, com receio da repetição dos insucessos iniciais, em que 10.000 paraguaios estavam perdidos, resolve recuar para o Paraguai; seriam agora obrigados a defender seu território, pois Osório, Mitre, Paunero e Flores.

rumam para a confluência Paraná-Paraguai, e, com efetivo de 63.000 homens, dos quais 48.000 brasileiros, fazem sua concentração no Passo da Pátria.

Em abril de 1866, por ocasião da travessia do Paraná, o 1º Corpo do Exército Brasileiro, sob o comando de Osório, contava 38.000 homens.

Para levar a efeito com segurança a travessia, vários reconhecimentos foram expedidos, devendo-se ressaltar o feito do bravo Tenente-Coronel Vilagran Cabrita, quando da ocupação da Ilha Redenção, frente ao forte de Itapiru; atacado por uma coluna paraguaia, bate-se como um leão, e destroça-a, para, após haver esmagado completamente o inimigo, ter a infelicidade de encontrar a morte, ao fim de tudo, quando já redigia sua parte de combate.

A travessia do Paraná é realizada em 8 dias, graças ao nosso corpo de engenheiros, retirando-se Lopez para o Estero Bellaco.

Após a surpresa de 2 de maio, feita pelos paraguaios, em que as perdas de parte a parte são enormes, o exército aliado continua sua marcha para frente, a 17 do mesmo mês.

II — ELOGIO DO HERÓI

Façamos, agora, um ligeiro parêntese; sejamos curiosos e procuremos, na vida de Manoel Luis Osório, os traços característicos que o elevaram o Comandante das forças brasileiras em Tuiuti. Filho de militar, gaúcho de nascença e de educação, passou os primeiros anos de sua vida a praticar a natação, a equitação e a dança. As primeiras letras foram-lhe ministradas por um sapateiro da região; as primeiras rixas foram sempre entusiasticamente aplaudidas por seu pai. O complemento necessário à sua educação foi feito quando este mudou de residência para a Cidade de Salto, no Estado Oriental. Tornou-se Osório um dedicado aos livros; não queria ser soldado, por mais argumentos e esforços que seu progenitor empregasse para tal.

Vem a Independência do Brasil; no Sul, como na Bahia, as tropas lusitanas não se submetem.

E Osório, obedecendo a seu pai, acompanha-o e se alista como voluntário, na Legião de Cavalaria que cercava Montevideu. Contava então 14 anos e nessa campanha teve o seu batismo de fogo junto ao arroio Miguelete.

Capitulando os portugueses, é Osório reconhecido cadete de primeira classe e obtém licença para prosseguir os seus estudos; já então na Academia Militar do Rio de Janeiro; mas antes do seu embarque, vem a sublevação dos trinta e três chefidos por Lavalleya; Osório apresenta-se, solicitando ser encaminhado para a frente, no 1º contingente, já então como alferes.

Nessa campanha, no combate travado às margens do arroio Sarandy, teve Osório o seu esquadrão esfacelado pelo inimigo, só escapando sete praças e um oficial, que era ele, conseguindo romper um cerco de ferro, do qual parecia impossível sair. Foi nesta ocasião que o seu coronel Bento Manuel Ribeiro lhe disse: "Hei de legar-lhe a minha lança, alferes, porque você saberá levá-la onde a tenho levado".

É Osório promovido a 2º tenente por haver demonstrado na retirada do Vale de Santa Maria "um valor difícil de conceber". E é destacado para servir na fronteira.

Em 1832, foi o Tenente Osório mandado recolher priso, por faltas não comunicadas ao corpo; é que o bravo tenente, não se conformando com as tropelias que os índios de Bela União, povoação da já independente província do Uruguai, faziam em território brasileiro, e encontrando-os um dia em flagrante delito, deu-lhes combate, tendo morto a todos; só um ano mais tarde foi reconhecida e reparada a injustiça praticada.

A Revolução Farroupilha teve em Osório um inimigo incansável; apesar de já estar empolgado pela política e de se haver filiado ao Partido Liberal, achava que era demais perigosa, para a integridade da Pátria, a República de Piratini. E tais

foram seus feitos, que é promovido a Capitão e em seguida a Major, sendo-lhe concedida a fita de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Caxias pacifica o Rio Grande, já demais cansado para suportar a guerra, que se prolongara por dez longos anos. O Major Osório não havia descansado, nasceu para a guerra e a guerra o atraía grandemente; não conhecia então outra música que não fôsse o tilintar de esporas, o tropel da cavalcada e o choque das lanças. E nas lutas do Prata que se sucederam contra Oribe e Rosas, esteve presente o legendário; lá em Monte Caseros, à frente do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, brilhou mais uma vez a sua estrela, tornando-se um dos heróis daquela campanha. É promovido a Coronel, por merecimento, ainda uma vez comprovado no campo de batalha, e agraciado com a Ordem Imperial do Cruzeiro.

Novamente o irrequieto Osório, não se conformando com a inação, finda a campanha, sente-se arrastado para a política; era necessário esgrimir outras armas, as armas do pensamento e da inteligência.

Outra intervenção do Brasil no Uruguai e, como sempre, em ocasiões de perigo para a Pátria, Osório surge à frente de seus soldados, já então como brigadeiro. Com a queda de Montevideu, assume Osório o comando das forças brasileiras no Prata, posto em que o vamos encontrar quando da declaração de guerra do Paraguai ao Brasil.

Quem quiser conhecer História Militar no Brasil, basta ler as vidas de Caxias e Osório; onde estava a disciplina, a desordem interna, lá se encontravam os dois chefes guerreiros; onde era preciso levar as armas brasileiras para fazer valer os nossos direitos, conduzem-nas os dois grandes soldados do Brasil, sempre como vanguardeiros.

"Olhos magnéticos, fascinadores, de águia, sorriso meigo e bondoso

a crispar-lhe a comissura dos lábios, Osório sempre foi alvo das aclamações dos seus soldados."

"Em Passo da Pátria, Estero Bel-laco e Tuiuti, é ele o condor que se libra no espaço, em cujas asas a vitória se assenta, se aninha, alucinando todas as almas, eletrizando todos os corações!"

O seu caráter de soldado resume-se na célebre resposta que deu a alguns companheiros, numa reunião em que se discutiam assuntos políticos, em 1871; concitado a fazer valer o seu prestígio e resistir pelas armas, disse: "a minha espada, que desembainhei nos campos da guerra para defender a Pátria, nunca a desembainharei, no meio da paz, para derramar o sangue dos meus compatriotas".

O seu gênio alegre e folgazão levou-o, muitas vezes, a respostas irônicas, fruto também da sua sinceridade. Contam as crônicas que, estando numa reunião ministerial, em que se devia discutir um assunto importante, um dos ministros esquivou-se de dar sua opinião, ausentando-se do recinto; Osório comentou à meia voz: "na guerra do Paraguai, tive uma bêta tão esperta, que disparava sempre que ouvia tocar ensilhar"...

De outra feita despachava com o Imperador, no Passo de São Cristóvão; Sua Majestade, a uma pausa da exposição do Ministro, cochilou. Osório deixou cair a sua espada, para despertar D. Pedro, o qual, querendo inverter a situação de distraído, perguntou:

— "Marechal, na guerra do Paraguai, os generais deixavam cair a espada?" Ao que Osório respondeu, prontamente: "Qual nada, Majestade, lá o tempo era escasso até para dormir..."

Estando Mitre em dificuldade para a obtenção de gado para o corte, durante a campanha do Paraguai, enviou a Osório o seguinte bilhete: "— Mande-me urgente alguns bois, senão terei que ir tomá-los à

fôrça, tal é a minha necessidade." Osório respondeu: "Para poupar-me ao desgosto de derrotá-lo, enviarei o gado de que precisa." Modesto e simples, bem poderiam ser de sua autoria os versos de Rostand:

"Sômente no moral se vê minha elegância
Enfeitar-me não sei nem dou para casquilho;
Julgo estar muito bem não sendo peralvilho.
O que não faço nunca é, fraco ou por incúria,
Sair sem levar bem a recebida injúria;
Trazer o pundonor ébrio de sono e vinho.
Ter os brios de luto e a honra em desalinho.
Ando sem nada ter que pela côr agrade,
Emplumado de orgulho, garbo e liberdade;
Se não trago a cintura esbelta num corpete
A vergonha ajustou minh'alma num coléte.
São meus feitas e ações as fitas que apresento,
Qual bigode gentil, retorço o meu talento;
Faço por onde vou, tornando-as bem sonoras,
As verdades vibrar como tins-tins de esporas!"

Em 1879, adoeceu Osório gravemente; e, após uma enfermidade de 8 dias, faleceu em sua residência no Rio de Janeiro, para onde acorreu enorme massa popular, que chorava a perda daquele que aos 71 anos de idade, momentos antes de morrer, ainda se lembrava desta Pá-

tria, para cujo engrandecimento dedicou toda sua vida:

— "Morro e perdoo as ingrati-
dões... Tranquilo... Independen-
te... Pátria... Sacrificio... último
infelizmente."

E disse muito bem o poeta:

"E se faltar material bastante
Para nas praças erigir-lhe estátuas,
Se essas vaidades transitórias, fátuas
Perdem-se à sombra desse herói gigante:
Não vás grinaldas denasirar de flôres
Nem às estrelas mendigar fulgores...
— Temos na terra o que não há no céu:
Apanha as armas que a seus pés caíram,
E junta as balas que os canhões cuspiram
Lá na província onde esse herói nasceu!
Curva-te oh! Pátria sobre o chão do Pampa,
Recolhe os ossos dos titãs soldados,
E então de sabres e canhões e balas,
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal de estátuas,
Que irá nas brumas se perder no espaço...
E assim nos astros erguerás seu crânio
E ao mundo inteiro estenderás seu braço!"

III — A BATALHA

"À margem esquerda do Rio Paraguai e direita do Paraná estende-se vasta região coberta de matas, de lagoas e pântanos, entrecortada de sangradouroos, que os paraguaios denominam esteros. Poucas são as partes mais alevantadas, que permitem um acampamento militar. No momento da penetração das tropas aliadas em território paraguaio, uma dessas raras elevações, 10 km N. E. da confluência dos Rios Paraná e Paraguai, é o local escolhido para o estacionamento das tropas aliadas."

"Ai acampam elas, a 20 de maio de 1866."

"Ao Sul, fica o Estero Bellaco, a W., a mata e o Potrero Pires. A E., a mata e uma grande região pantanosa. Ao N., a Lagoa Tuiuti e a mata bordada em grande extensão pelo Estero Rojas. De S. a N., o campo tem 4 km; de E. a W., não vai além de 6 km. Um caminho que segue na direção de Humaitá, após atravessar o Estero Bellaco, leva diretamente ao campo paraguaio."

"É neste vasto tabuleiro que os aliados armam as suas barracas: argentinos à direita, brasileiros no centro e na esquerda, orientais no centro. Entre os aliados se os paraguaios medeia a mata, reforçada num de seus extremos pelo Estero Rojas que, com suas águas represadas por uma barragem artificial, forma um profundo e largo fosso. De um lado, o do N., está Francisco Solano Lopez com um exército bem armado, aguerrido, disciplinado, fático na sua obediência ao chefe único, conhecedor do terreno, que é a própria pátria que defendem. Do outro, o do S., três nações diferentes estão representadas, comandadas por vários generais, debilmente subordinados ao general Bartolomeu Mitre, Presidente da República Argentina; é bem verdade, forças disciplinadas, talvez menos aguerridas do que as do adversário, vindas de longe, para operar num terreno desconhecido e hostil, sem ódios, sem rancores. Em cada exér-

cito havis, no invés de um único, multiplicidade de comandos."

"Embalados pelas vitórias até aí alcançadas, não davam os chefes aliados o devido apreço ao valor e as condições favoráveis do adversário. São 18.000 brasileiros, 12.000 argentinos e 1.400 uruguaios, num total de 31.400 homens, cercados de lama e mata por todos os lados, estacionados em profundidade, a cavaleiro do caminho que conduz a Humaitá. A vanguarda, constituída de brasileiros e uruguaios, sob o comando de Flores; com ela, e erradamente na frente, o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, de Mallet, protegido desde a primeira noite, por largo e profundo fosso por ele mesmo construído. Era a nossa melhor artilharia, ali, a 1.600 metros da linha paraguaia. Ainda em primeiro escalão estavam as duas divisões, de Sampaio e Vitorino (a 3ª e a 6ª) e 3 brigadas de cavalaria argentina. Num segundo escalão formavam as primeira e quarta DI brasileiras, sob o comando de Argolo e Guilherme Souza, tendo, à sua direita, 2 corpos de infantaria argentina (Paunero e Mitre), dispostos em 2 linhas, tendo à frente 1 Brigada de Artilharia argentina. Fechando o dispositivo argentino, estava a cavalaria correntina. O terceiro escalão, composto exclusivamente de tropas brasileiras, constituía-se de 2 DC, da 5ª, de Tristão Pinto, e da 2ª, de Mena Barreto, e 1 Brigada Ligeira, sob o comando de Neto."

"Do lado inimigo, Lopez dispôs seu Exército em 4 colunas, cujos efetivos variavam de acordo com a missão a desempenhar. À direita dos aliados, Resquin, à frente de 2 BI e de 8 RC, perfazendo um total de 6.300 homens. À esquerda, junto ao Potrero Pires, Barrios, o invasor de Mato Grosso, à frente de 10 BI e 2 RC, num total de 8.700 homens. No centro, junto ao caminho, Diaz, com 5 BI, 2 RC e uma bateria de artilharia (5.000 homens). À direita deste, Marcó, com 4 BI e 2 RC (4.200 homens).

Estava pois o ditador em condições de ter à mão cerca de 24.000

homens. Não tinha reservas, apesar de haver deixado 6.000 combatentes em Passo Pocu e outros 6.000 em Curupaiti."

Duas reuniões dos generais aliados realizaram-se antes das tropas estacionarem face às posições paraguaias. Após a 2ª reunião entraram os aliados, a 20 de maio, em ofensiva, vadeando o Estero Bellaco em três passos, e encontrando fraca resistência no Passo Cidra.

A 23 os generais resolveram, em conselho, fazer, às 14 horas do dia 24, um reconhecimento em força sobre a esquerda inimiga, na linha do Estero Rojas, em comemoração à data da Independência da República Argentina.

Lopez, que desde o início da guerra revelara um serviço de espionagem excelente, resolveu se antecipar a esse ataque, marcando para as 9 1/2 horas de 24 o ataque às posições aliadas. Com essa decisão, fez aproximar sua infantaria, durante a noite, a qual, coberta pela mata, atravessa os passos do Estero Rojas. Era sua intenção fazer um formidável ataque frontal, combinado com uma manobra de duplo envolvimento executado por Barrios e Resquin. Pensava assim contrabalançar a superioridade numérica de que dispunham os aliados, tendo a seu favor a surpresa. Mas, para que toda a massa paraguaia se lançasse ao mesmo tempo sobre o acampamento aliado, necessário se tornava que a esquerda paraguaia aguardasse Barrios atravessar a mata e tinger o Potrero Pires; convencionaram então os paraguaios que Barrios lançaria em tal ponto um foguete a Congreve, que seria respondido por Burquez, do alto do Passo Pocu.

Estava o exército aliado ultimando os preparativos para o ataque da tarde, após o almoço, a cavalcada solta; às 11,55 da manhã sobe ao ar um foguete logo respondido por um tiro de canhão: é que Diaz e Barrios haviam se atrasado em consequência dos obstáculos naturais que encontraram. Soam entre os aliados os toques de "alarme" e "cha-

mada ligeira"; correm todos aos sarilhos e aos reparos de canhões. Imediatamente surgem das matas e macegas, pela direita da vanguarda aliada, os primeiros elementos de Marcó. A cavalaria paraguaia leva de vencida os batalhões uruguaios Independência e Libertad, que nem tempo tiveram de entrar em forma; de roldão vai também o 41º de voluntários brasileiros. Acode Vitorino Monteiro, com alguns batalhões da sua divisão; a cavalaria inimiga retrocede, pára, executa uma ligeira manobra, volve à direita e lança-se sobre o Regimento Mallet, reforçada por outros elementos. Os esquadrões paraguaios, ignorando a existência do fôssco, nele se precipitam uns após outros, esfacelados, ou então retrocedem na direção Yataitá-Corá.

"Por aqui não passarão", brada Mallet, ao mesmo tempo que a sua artilharia vomita fogo arrasador. Mas, em pouco, são os cavaleiros de Diaz que, irrompendo da mata, buscam contornar o flanco esquerdo aliado, lançando-se sobre a Divisão Sampaio, a Encouraçada; e os batalhões respondem com denodo e bravura; uns avançam, outros recuam, combatendo a peito descoberto, pelo atoleiro afora. E é ainda Mallet quem, vendo a situação da 2ª DI, dirige o fogo de seus canhões para a esquerda; e os paraguaios, apesar de toda a sua bravura, são obrigados a retroceder e regressar à bocaina.

Estava, porém, aberta a brecha no dispositivo aliado; a Divisão Sampaio suportava o peso do ataque de 10.000 homens, vindos de todos os lados, ao comando de Diaz; a infantaria cedia terreno ante o ataque dos 9 BI paraguaios, a despeito do heroísmo de Sampaio, que era a alma do combate.

Quando a situação ainda estava duvidosa, o general brasileiro a reanimar nossa infantaria com o seu exemplo, eis que é Sampaio ferido mortalmente. A Encouraçada, sentindo a falta de seu Comandante, vacila; e a refrega está pendente para o paraguaio, que se lança atra-

vés do caminho, procurando atingir as tropas em 2º escalão.

Osório não os espera; lança-se ao seu encontro, com as Divisões Vitorino e Argoio, formando uma cunha, acolhem o ataque paraguaio, que ao mesmo tempo é recebido com tiros de flanco e de revers do bravo Mallet.

Diaz, maldizendo a ignorância de seu chefe, que lhe recusara os reforços deixados em Passo Focu, vê fugir-lhe uma vitória que já era certa; ante o esmagador ataque das tropas de Argoio, é obrigado a bater em retirada, deixando, como resultado do ataque frontal de Lopez, 4.000 paraguaios mortos.

Enquanto a batalha se desenvolve feroz no centro aliado, o ataque paraguaio ao flanco direito é violentamente desencadeado por Resquin, que atrai a sua cavalaria em corda arremetida contra as tropas argentinas, procurando desde logo envolver a pequena cavalaria correntina, quase toda desmontada; recuam os correntinos, mas a Cavalaria de Hornos contra-ataca; é o entrecocar de lanças e espadas, de suor e sangue das duas cavalias. A cavalaria paraguaia leva a melhor, e ter-se-ia feito, fatalmente, o envolvimento, senão fôra a intervenção de alguns batalhões de Paunero.

Outro regimento paraguaio lança-se sobre o 1º Corpo Argentino, que resiste com denodo e energia. E eis quando uma grande massa de cavalaria, trazendo à garupa soldados de infantaria, lança-se entre os dois corpos argentinos. E nesse momento que um capitão da escolta presidencial se atrai à frente de 3 esquadões; novamente dá-se o ataque dos dois leões, que lutam com denodo. Seria difícil apontar qual dos dois foi mais bravo!

Ante a insistência do ataque paraguaio, começa o centro do dispositivo argentino a flutuar, mais por falta de munição que de bravura de seus homens. E é novamente ele quem aparece, cavalcando seu belo ginete de guerra, chapéu de feltro negro, ponche-pala flutuando ao vento, empunhando uma lança

de ébano encrustada a prata, em cujas presilhas adeja uma bandeira vermelha. É Osório novamente, à frente de alguns elementos da Divisão Vitorino, quem vem salvar o 2º Corpo Argentino de uma derrota que já é certa.

Enquanto isso, Barrios dá início à sua missão, procurando fazer junção com as forças de Resquin, cortando assim a retaguarda aliada.

Para isso Barrios aproveita o terreno extremamente coberto, fazendo sua cavalaria percorrer uma grande curva, margeando a Lagoa Fries, ao mesmo tempo que a infantaria, abrindo caminho na espessa mata a golpes de machado e sabres, pudessem arremeter aríetes dos dois boqueiros que corriam no sentido N. S. e L. W. e conduziam diretamente ao Póitero Fries, atacando de surpresa a fragil cavalaria de Neto, apoiada em dois debéis batalhões de voluntários.

Quando a infantaria arremete no sentido W. L., e ainda Osório que, vigilante e providente, faz convergir para esse ponto duas divisões de cavalaria, quase toda desmontada, reforçadas por alguns elementos de infantaria. O esforço principal do inimigo faz-se, porém, no sentido N. S., por ser o que mais facilmente levava à retaguarda brasileira. Para aí Osório concentra a Divisão Mena Barreto, apoiada por um batalhão de artilharia a pé. E a luta de todas as armas, é a luta titânica do corpo a corpo, para impedir o cerco das tropas aliadas.

E quando parecia inevitável a derrocada, quando as tropas titubeavam ante o desigual embate contra as tropas paraguaias bem montadas, aparece Souza Neto, o lendário farroupilha, que, reunindo todos os oficiais montados na ocasião, forma o histórico esquadrão de Tuiuti, que, de espadas desembainhadas, carrega contra a cavalaria paraguaia; essa, julgando tratar-se de um regimento inteiro, retrai para a mataria; estava também malograda a missão de Barrios.

Eram quatro e meia da tarde quando se findava a batalha; cinco

horas levaram os aliados a pelear sem descanso. Cerca de 4.000 homens haviam perdido os aliados entre mortos e feridos.

Vibram as cornetas e os clarins, rugem os tambores, soam as bandas de música, que anunciavam a vitória tocando o Hino Nacional; e os canhões, que antes vomitavam a morte, rugem agora um troar diferente, que é um misto de alegria pela vitória e de tristeza e homenagem aos camaradas mortos. E a soldadesca, em delírio, transforma seus gritos de raiva em vivas e aclamações. Osório foi a figura central da batalha; ele esteve em todos os pontos, multiplicou-se tal é a sua mobilidade; ele quem mais animou, com o seu exemplo, a soldadesca, quando o perigo era mais forte, combatendo como simples soldado-lanceiro, mas sempre dirigindo. Forma, com Sampaio e Mallet, o triângulo luminoso de Tuiuti; esse mesmo triângulo-espelho de onde hoje, como o será sempre, a mocidade militar brasileira tira a própria essência da sua educação moral!

O Exército Paraguaião retira-se destruído e mutilado; 7.000 homens perdeu o inimigo na maior batalha campal da América do Sul, 7.000 bravos lá ficaram atolados nos lamaçais de Tuiuti.

Apesar da vitória incontestável, a batalha não foi decisiva; por falta de meios, principalmente cavalaria, não levaram os aliados uma perseguição a fundo, capaz de aniquilar de vez o Exército paraguaião. Puderam, assim, voltar os combatentes remanescentes às suas posições anteriores, onde se deixaram ficar durante um ano e meio, apenas hostilizando-se reciprocamente em pequenos encontros na linha Negra, mas sem ação decisiva.

A suspensão das hostilidades entre Lopez e Mitre teve como consequência o malogro de Curupaiti, que se seguiu à vitória de Curuzu. E é somente a 21 de junho de 1867, quando o invicto Caxias assumiu o comando das forças aliadas, que o Exército aliado abandona os pan-

taneais de Tuiuti e ruma para Humaitá, para novas vitórias.

* * *

Assim foi a Cavalaria de Osório, em Tuiuti, como em Iteorô, Avaí e Lomas Valentinas. Mas, meus camaradas, ainda assim é a nossa Cavalaria.

Não somos o que muitos espíritos, fechados ao raciocínio lógico, indiferentes ao meio geográfico e às nossas possibilidades econômicas, enraizados de falsos argumentos assimilados de terras estranhas, onde influem outros fatores, mas esquecidos de que só a experiência da guerra em nossos teatros de operações é quem pode indicar o que é aceitável, querem por força que sejamos. Não somos a Cavalaria-passada, a Cavalaria-tradição apenas. Somos ainda a mesma Cavalaria de Osório, esta Cavalaria que é sonho, é ideal, é patriotismo; esta Cavalaria que é audácia, iniciativa e velocidade; esta Cavalaria-Sacrifício e Coragem, esta Cavalaria-Sofrimento!

É ela quem, postada nos confins de Mato Grosso, colada às águas limítrofes dos Pampas, torna-se sentinela viva da nossa terra! Esta mesma que não abdicará de um lugar de honra em todas as batalhas que se ferirem no continente sul-americano! É a Cavalaria que não se extingue, que não morrerá nunca, porque tem alma! É a Cavalaria que não esmorece, porque dentro de nossos peitos estão estampadas as figuras de Andrade Neves, de Antônio João e de Osório.

E, por mais que não queiram, ainda será assim a Cavalaria de nossos filhos! Que mudem os meios, que venham novas doutrinas, que nos deixem a pé como a Cavalaria de Tuiuti, e saberemos sempre manter acesa esta brasa, que não se apagará, porque é alimentada pelo exemplo dos nossos heróis e pelo sopro dos nossos ideais!

Meus camaradas! A data de 24 de Maio é a data de Osório; e, como uma homenagem à sua atuação

em Tuiuti, curvemo-nos, agradecidos ante a intrepidez do Legendário! E, ao nos inclinarmos, respeitosos, ante sua figura máscula, rendamos igualmente homenagens às armas irmãs:

— A essa Infantaria de Sampaio, que suportou o maior peso do inimigo; a essa Infantaria-Denodo, que durante toda a batalha levava a alma brasileira na ponta de suas baionetas! A essa Infantaria que estava em todos os lugares, que esteve em todas as batalhas! A essa Infantaria, tão gloriosa, incansável no seu heroísmo, e que teve ainda força e vida para estar presente em Monte-se e Monte Castelo! A essa Infantaria que há de ser eternamente a Rainha dos Campos de Batalha!

— Prodigio de tenacidade, que, enfrentando os pantanais do Paraguai, construindo estradas e vadeando rios, sob a metralha do inimigo, soube levar as forças brasileiras à vitória! A heróica Engenharia!

— E ao colosso! Ao gigante de potência, sem a qual nos seria impossível romper as primeiras resistências para cumprimento das demais missões das outras armas! Ao ribombar terrível, que é a própria voz da Pátria levada aos campos de batalha pelo espírito de Mallet! Curvemo-nos agradecidos ante o valor da nossa Artilharia!

E tu, Osório! Tu que és a encarnação da alma do soldado brasileiro, não nos abandones! Dá a cada um de nós um pouco do teu fervor e do teu amor ao Brasil! Tu, que estás presente agora, como sempre, revigora a pujança da nossa gente! Aponta, para nós, o caminho do Dever, que há de ser o caminho da Glória! Dá-nos força, Osório, para que não desmintamos o valor dos nossos antepassados, imitando o teu exemplo. Não te deixaremos descansar, pois que a tua memória é ainda o facho que ilumina a mocidade militar do Brasil, na trilha difícil onde se busca a honra.

BATALHA DE TUIUTI

Cap HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

Dos Institutos Histórico e Geográfico do Pará, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Hans Staden, de São Paulo

Em 24 de maio de 1866 feriu-se em torno da lagoa de Tuiuti, a maior batalha da Campanha do Paraguai, de 1864 a 1870, entre as forças invasoras aliadas (argentinas, brasileiras e uruguaias) e o grosso dos exércitos paraguaios do general Francisco Solano Lopez (1827-1870), ditador-presidente da República do Paraguai que, fiado nos auxílios de material bélico e de intrigas diplomáticas de certas potências imperialistas interessadas em não se constituir o Império do Brasil em mais uma potência militar e econômica na América do Sul, se empenhara loucamente numa guerra terrível contra os seus mais poderosos vizinhos.

Tendo o exército aliado penetrado em 16 de abril de 1866 em território paraguaio pelo chamado Fasso da Pátria, junto da confluência dos rios Paraguai e Paraná, já em 20 de maio estacionara junto à lagoa de Tuiuti, pronto para prosseguir em sua ofensiva contra as posições fortificadas inimigas de Humaitá.

O comando-em-chefe aliado era exercido pelo então presidente da República Argentina, brigadeiro-general Bartolomé Mitre (1821-1906), também comandante geral dos contingentes argentinos. Estes constituíam-se de cerca de 16.904 homens, tomando-se em conta os destacamentos deixados sobre a linha de operações e os doentes,

e se achavam organizados em 2 Corpos de Exército e 1 Corpo de Cavalaria. Sua artilharia dispunha de 37 peças de calibres e tipos diversos.

O 1.º Corpo de Exército brasileiro que operava aí se achava sob o comando do legendário general-soldado e Marquês do Herval, o general Manuel Luis Osório (1807-1879) e alcançava um efetivo de 36.000 homens, incluindo-se também os destacados e doentes. Compreendia 4 Divisões de Infantaria, 2 Divisões de Cavalaria, 1 Brigada Ligeira de Cavalaria e cerca de 48 peças de artilharia. Entretanto, achava-se quase toda a cavalaria brasileira preparada para combater a pé, pois na marcha das margens do rio Uruguai ao rio Paraná a deficiência de um forrageamento adequado havia dizimado quase toda a remonta, de cerca de 4.000 cavalos, dos quais restavam somente 600 em condições de servir.

Quanto ao pequeno contingente uruguaio, comandado pelo general Venâncio Flóres (1809-1866), chefe do governo da República Oriental do Uruguai, empossado com a ajuda das armas vitoriosas do Império do Brasil contra a anterior que fora um dos protegidos, políticos de Lopez, constituía-se apenas de 1.400 homens. Durante toda a campanha foi este contingente reforçado com elementos brasileiros, a fim de se

constituir numa grande unidade própria.

Lopez vira-se compelido a tomar uma defensiva estratégica, embora procurasse sempre conservar a iniciativa tática. Desde o seu ataque de surpresa às vanguardas aliadas em 2 de Maio, no chamado combate de Estero Bellaco, conseguira ganhar cerca de 18 dias em benefício do completo dos entrancheiramentos no Sauce e no Estero Rojas.

Aquela ação tornara Mitre e seus companheiros mais cautelosos naquele teatro de operações pouco conhecido, coberto de matos cerrados, cortado de "esteros" ou cursos d'água pantanosos e percorrido por elementos sumamente audaciosos como o soldado paraguaio. Somente em 20 de maio é que os exércitos aliados reiniciaram a sua marcha rumo a Humaitá, seguindo o caminho do Passo da Pátria a esta grande e poderosa fortaleza que havia sido construída anos antes com o auxílio material e técnico do Brasil, tendo-se em vista uma expansão territorial argentina.

No mesmo dia estacionaram em torno de uma pequena elevação ao sul da lagoa de Tuiuti, donde somente em julho de 1867 haveriam de retomar a verdadeira marcha ofensiva sobre o objetivo visado. O chamado Acampamento de Tuiuti achava-se num espaço especial daquele terreno delimitado ao Sul pelo Estero Bellaco, a Oeste pela lagoa Piriz, ao Norte pelo Estero Rojas e a Leste por dilatada região de pântanos. "A parte de Oeste que antecede a lagoa e a do Norte que precede o Rojas são cobertas de espesso mato. Só logo ao Norte do Bellaco ergue-se uma pequena elevação, separada da lagoa pela mata, e na qual os aliados acamparam no dia 20 de maio. Ao Norte dela fica uma lagoa chamada de Tuiuti".

"Os invasores não podiam ter encontrado terreno mais desfavore-

rável para as suas operações ofensivas! O mais grave, porém, é que Lopez lhes barra a estrada de Humaitá, criando uma linha de trincheiras normal à mesma, ao Norte do Rojas, e aproveitando as águas deste "estero" para protegê-lo com um fôssco aquático".

"Como os aliados não conhecem os passos do Estero Rojas, nem os raros caminhos para Leste pelo banhado, conclui-se que o seu avanço para o Norte os levou a um verdadeiro beco sem saída. (1)

Nesta situação, era necessário reconhecer perfeitamente a importância dos entrancheiramentos e, assim, Mitre e os demais chefes aliados decidiram completar os informes colhidos em 22 e 23 de maio realizando um reconhecimento conjunto e a viva força sobre toda a frente inimiga, principalmente na direção do Passo Gomez, no Sauce, o único ponto visível de penetração. Para esta operação contava-se com cerca de 87 canhões e de um efetivo disponível, excluídos os destacamentos e doentes fora do acampamento, de

21.500 brasileiros

10.701 argentinos

1.369 uruguaios

33.570 homens

Prevendo o movimento marcado para as primeiras horas da tarde de 24 de maio, o dispositivo aliado formava três massas, perfeitamente escalonadas em profundidade e orientadas na direção geral do Sauce. A conselho de Osório, que temia uma iniciativa inimiga, tomaram-se todas as medidas de precaução para se fazer frente a uma possível surpresa.

(1) General Augusto Tasso Fragoso, História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — 2.º volume, Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio, 1934. — Págs. 370 e 371.



Osório, o herói de Tuiuti — Bico de pena de Henrique Carlos Wiederspahn, segundo um óleo existente no Ministério da Guerra

Na direção do **ESFORÇO PRINCIPAL** previsto, constituiu-se o primeiro escalão com uma linha de vigilância, cujos postos avançados se haviam localizado além dos atoleiros da lagoa Tuiuti, nas orlas do matagal, e de uma linha de resistência no próprio acampamento. A linha de vigilância e seus postos avançados dispunha dos elementos que até então constituíam a vanguarda geral aliada, isto é, da pequena Divisão uruguaia de Venâncio Flores com os seus 3 Batalhões de Infantaria, 1 Batalhão de Voluntários da Pátria brasileiros (o 41.^o), o Regimento de Cavalaria San Martín (argentino) e diretamente apoiados pela artilharia uruguaia. A linha de resistência constituiu-se, na **ESQUERDA**, da 3.^a Divisão de Infantaria do general Sampaio, o patrono da Infantaria brasileira, a cavaleiro da estrada Passo da Pátria-Humaitá e com alguns elementos ligeiramente avançados, a fim de acolher os da linha de vigilância e fazer frente ao primeiro choque inimigo; no **CENTRO**, o 1.^o Regimento de Artilharia a Cavalo do tenente-coronel Emilio Mallet, patrono da Artilharia brasileira, batendo com os fogos de suas peças os obstáculos naturais do terreno em frente, sob a proteção de um largo fosso; na **DIREITA**, a 6.^a Divisão de Infantaria do general Vitorino Monteiro, que havia destacado para reforçar a linha de vigilância o 41.^o Batalhão de Voluntários e cuja extrema direita se apoiava a elementos do 1.^o Corpo de Exército argentino.

O segundo escalão constituía a **RESERVA** da linha de resistência e dispunha, escalonados ligeiramente em profundidade, da 1.^a Divisão de Infantaria do general Argôlo, da 4.^a Divisão de Infantaria do general Guilherme Xavier de Souza e do restante da Artilharia ao comando do general Soares de Andréa. Esta reserva de artilharia estava localizada sobre as duas extremidades da elevação ao Sul da lagoa de Tuiuti.

Em terceiro escalão estavam, como **RESERVA GERAL**, as segunda Divisão de Cavalaria do general José Luiz Mena Barreto e 5.^a Divisão de Cavalaria do coronel Tristão Pinto, constituídas em sua grande maioria de unidades sul-riograndenses, treinadas para o combate a pé, tendo-se em vista a carência de cavalos que reinava no exército em operações.

No flanco esquerdo do dispositivo, aliado e à retaguarda do terceiro escalão, achava-se a Brigada Ligeira de Cavalaria do general Antonio de Souza Netto, o intrepido herói republicano sul-riograndense da guerra dos Farrapos de 1835 a 1845, vigiando os passos sobre o Estero Bellaco para o acampamento.

O Exército argentino recebera por missão principal **COBRIR** a linha de operações, guarnecendo o flanco direito. Para isso, o 1.^o Corpo de Exército do general Paunero com a Artilharia de Védia ocupara uma elevação à direita das posições da 6.^a Divisão de Infantaria brasileira, frente para Leste, tendo mais além os Corpos de Cavalaria de Hórnos e Cáceres, vigiando os palmares de Jataiti-Corá. Mais para o Sul achava-se, como que em segundo escalão, o 2.^o Corpo de Exército do general Emilio Mitre com o restante da artilharia e elementos de cavalaria argentina a pé.

O general Mitre com o comando-em-chefe se localizara à direita da elevação principal de Tuiuti, próximo do Estero Bellaco e do exército brasileiro nas imediações daquele.

Graças ao serviço de espionagem de que dispunha Lopez, o que não lhe era muito difícil, desde que se considerem as evidentes simpatias existentes entre os elementos argentinos das províncias limítrofes com o Paraguai para com a sua causa, ficou o comando paraguaio ciente das intenções dos aliados, mas esperava o reconhecimento armado para o

dia 25 e não para o dia 24. No mesmo dia em que os aliados haviam ocupado Tuiti, o ditador paraguaio mudara o seu quartel-general para Passo Pucu, perto de 6 km ao Norte das trincheiras do Sauce e onde permaneceria por quase dois anos.

O exército paraguaio contava então cerca de 40.000 homens nas linhas de Rojas e dispunha de uma cavalaria bem montada e disposta. Assim, resolveu Lopez anteceder ao ataque aliado e não o esperar, como seria mais acertado. Foi esta iniciativa tática um dos maiores erros cometidos por ele, pois salvou o exército invasor de uma derrota que poderia trazer consequências decisivas para a campanha, se o reconhecimento armado sobre o Sauce tivesse sido executado pelos aliados. E isto porque, ao estudarmos esta longa campanha contra a República do Paraguai de Lopez, nunca deveríamos esquecer que aquela luta não era popular nem na Argentina, nem no Uruguai, nossos aliados, e que em torno do Império do Brasil todas as repúblicas hispano-americanas se manifestavam claramente simpáticas ao povo paraguaio, ao qual se sentiam unidas pela comunidade cultural hispânica, pelo parentesco étnico e pelo sistema republicano ou antimonárquico. Fora do nosso Continente Sul-americano achavam-se no nosso Hemisfério Ocidental os Estados Unidos lutando dentro de casa pela existência da própria unidade política nos derradeiros arrancos da chamada Guerra de Secessão, de 1861 a 1865, e na Europa somente os monarcas dos múltiplos Estados alemães haviam manifestado suas simpatias ao Império do Brasil, a cuja dinastia reinante se ligavam por vínculos de família e pelo prestígio de uma série brilhante de investigações científicas, feitas na flora, na zoologia e na geologia brasileiras por personalidades alemãs. Quanto às demais potências ocidentais européias, não lhes convinha a constitui-

ção de uma poderosa concorrente na América do Sul e por este motivo protegiam abertamente o nosso adversário paraguaio de então, quer com fornecimentos de material bélico, quer com intrigas diplomáticas que de muito retardaram as operações aliadas em proveito de Lopez.

Sobre as linhas de Rojas, desde o Passo Gomez no Sauce até pouco além de Passo Pucu no Rojas, havia Lopez localizado a massa de ataque disponível para investir os aliados em Tuiti. Como pequenos núcleos de segurança havia disposto destacamentos com artilharia até Passo Canoa, ao Norte do Estero Rojas. Apoiara sua direita nos bosques quase impenetráveis do "carrizal" do Potrero Sauce, onde a picada que fazia parte da estrada Passo da Pátria-Humaitá, uma passagem quase que obrigatória, fora perfeitamente defendida com toda a técnica fortificativa da época.

Ao par daquela picada principal, os paraguaios tinham aberto um caminho, invisível aos aliados, que vinha terminar quase no Potrero Piriz. Este havia permanecido praticamente desguarnecido pelos aliados, embora constituísse uma grande clareira aberta na mata que medeava entre o acampamento e a lagoa Piriz. Cercada pela mata, que poderia ser considerada como um prolongamento da do Sauce, pois suas árvores eram altas e espessas como as do objetivo principal do reconhecimento armado previsto pelos aliados, apresentava esta clareira ou Potrero Piriz um perímetro de cerca de 3.800 metros e três picadas naturais e de pouca extensão, que vinham terminar no flanco esquerdo ou Oeste do Acampamento de Tuiti, sobre o estacionamento da Brigada Leve de Antonio Netto, que usava das pastagens aí existentes (na clareira) para o forrageamento de seus parques cavaleiros.

Nas vésperas do ataque, Lopez percorreu suas linhas e em entusiásticas alocações procurou le-

vantar o nível moral de seus homens, assegurando-lhes a certeza da vitória. Na mesma noite chamou seus generais separadamente e expôs a cada um em pormenor só o que interessava à coluna que este iria conduzir. Desta forma quebrava Lopez toda a possibilidade de uma coordenação de esforços para uma idéia única e o valor da unidade de comando que pretendia impor. Matava todo e qualquer rasgo de disciplina intelectual.

Para enfrentar os efetivos aliados, distribuídos aproximadamente em

- 25.000 infantes
- 6.000 cavalarianos desmontados
- 600 cavalarianos montados
- 1.970 artilheiros com 87 peças e algumas dezenas de estativas lança-foguetes.

33.570 homens, 87 peças e algumas dezenas de estativas, decidira o chefe supremo do Paraguai lançar mão de:

- 15.750 infantes
- 8.400 cavalarianos todos montados
- 80 artilheiros com 4 peças e algumas estativas.

24.230 homens, 4 peças e algumas estativas.

Estes efetivos foram agrupados em quatro colunas, assim constituídas:

- Coluna Bárrrios, com 8.700 homens (7.500 infantes e 1.200 cavalarianos),
- Coluna Díaz, com 5.030 homens (3.750 infantes, 1.200 cavalarianos e 80 artilheiros com as 4 peças e as estativas),
- Coluna Marcó, com 4.200 homens (3.000 infantes e 1.200 cavalarianos),
- Coluna Resquin, com 6.330 homens (1.500 infantes e 4.800 cavalarianos).

O ESFORÇO PRINCIPAL deveria ser feito sobre o flanco esquerdo brasileiro pelo Potrero Piriz. Recebeu tal incumbência o general Bárrrios com a sua coluna. Deveria atacar o flanco inimigo e progredir pela retaguarda aliada até conseguir ligação com a cavalaria de Resquin, para então cair de revés sobre os depósitos e o quartel-general do comando-em-chefe aliado.

Resquin partiria de Jataiti-Corá, donde deveria envolver os aliados pela ESQUERDA, fixando ao mesmo tempo o exército argentino que formava a flanco-guarda direita do dispositivo aliado. Esta fixação também tinha por fim apoiar pelo fogo o ataque que a Coluna Marcó levaria ao centro inimigo. A massa envolvente de Resquin deveria procurar ligação com a cavalaria de Bárrrios na retaguarda aliada, para então atacá-la de revés.

O então coronel Díaz atacaria a esquerda brasileira e o coronel Marcó o centro. Ambos os ataques seriam frontais e os chefes contavam com a surpresa para apressar-se da artilharia aliada. Marcó seria secundado no ataque por elementos da direita de Resquin.

O ataque deveria ser simultâneo. Um tiro de canhão daria o sinal para o início da ação, logo que Bárrrios estivesse no Potrero Piriz. Era, no entanto, bem penoso o itinerário deste chefe paraguaio. A picada aí aberta só permitia que seus 8.700 homens marchassem em coluna indiana. Os cavalarianos tinham que ir a pé com o cavalo pela mão. Por estas razões, o ataque, que deveria ser desencadeado às 9 horas, só pôde ser iniciado cerca de 11 1/2 horas.

A esta hora, há muito que Resquin estava em sua base de partida atrás dos palmares de Jataiti-Corá, fora das vistas do inimigo. Díaz e Marcó estavam abrigados pela mata, o mais pró-

ximo possível dos aliados, para cair violentamente sobre a esquerda e o centro, isto é, sobre os uruguaios e brasileiros.

A má economia de forças tirava ao plano de Lopez toda a pretensão a uma genialidade e o levava a um fracasso certo. O desprezo das vantagens que o terreno lhe poderia dar na ofensiva e a inépcia de seus generais, com a verdadeira mania dos ataques frontais, iria provocar a usura de seus homens. Todos os indícios acusam, no entanto, que Lopez apenas tinha em vista uma batalha defensiva, a fim de ganhar tempo e concluir os trabalhos defensivos das linhas de Rojas.

Ao troar do canhão, o sinal combinado, os paraguaios saem céleres dos matos e da macega e se lançam incontinentemente sobre os invasores. Não fôsem os preparativos para o movimento do reconhecimento a viva força previsto para horas depois e a vigilância de Osório, cujo corneteiro de serviço imediatamente tocara o alarme, a surpresa nos poderia ter sido fatal. A nossa estrêla colocou diante de Mitre, Osório e Flores aquêles quatro comandantes de colunas, senão aí, diante da lagoa da antiga Fazenda de Tuiuti, teríamos nós e nossos aliados tido a mesma sorte do general e patriota argentino Manuel Belgrano (1770-1820) em Paraguari, em 1811, ao Sudoeste de Assunción, diante dos hispano-paraguaios.

Foi na direita aliada, onde se achava o exército argentino, que se deu o primeiro choque. Em vista da dupla missão que recebera — envolver os argentinos pelo Sul e fixar Paunero ao Norte, apoiando ao mesmo tempo o ataque de Marcó — Resquin dividira sua tropa em duas colunas e com elas carregou sobre os argentinos.

Mas, em vez de fixar Paunero apenas com um efetivo estritamente necessário, foi Resquin atacá-lo com a coluna do Norte, a mais forte. Lançou mão dos ba-

talhões de infantaria, o que seria suficiente, e da metade da cavalaria de que dispunha. Aí, em posições dominantes, a artilharia de Vedia se encarregou de cobrir de metralha os atacantes. O desbordamento pelo Norte e, em consequência, a missão de apoio a Marcó, fracassou por mal concebida. Resquin teve aí seus efetivos enormemente reduzidos pelos ataques de frente que levava às posições argentinas. Diante do bronze argentino, desapareceu a valente cavalaria paraguaia.

A outra coluna, a do Sul, forte apenas de 1.800 homens ou 4 regimentos de cavalaria, deveria cumprir a missão principal de Resquin. Partindo dos palmares de Jataiti-Corá, lançou-se como um raio sobre os argentinos de Hórnos e Cáceres. Estes, acutilados e sem poderem resistir ao choque, foram levados de roldão sobre o Estero Bellaco. Dispersaram-se até as margens do rio Paraná, deixando nas mãos dos atacantes dois estandartes. Os elementos argentinos que tentaram deter esta carga adversa foram completamente destróçados a patas de cavalo e espada.

Triunfante, esta reduzida massa envolvente paraguaia, tornou à direita de Emilio Mitre, a reserva argentina, e penetrou no bosque de palmeiras que existia aí ao Sul. Deveria forçar a passagem para obter ligação com a cavalaria de Bárrios e cumprir a missão que lhe estava destinada: atacar de revés a posição aliada. Fraca demais para destroçar os pequenos elementos argentinos de Emilio Mitre que lhe faziam frente, só o major Olabarrieta conseguiu, à testa dos últimos elementos de seu regimento paraguaio, alcançar o local designado como base de partida do ataque da massa de cavalaria sobre a retaguarda dos invasores. Este major paraguaio conseguiu chegar, embora ferido, às posições de Bárrios.

Pouco depois, dada a usura de sua coluna, era Resquin obrigado a retirar, tendo perdido toda a

cavalaria em ataques inúteis e mesmo absurdos contra a artilharia e a fuzilaria certaíra dos argentinos.

No centro, o ataque de Marcó e na esquerda brasileira o de Diáz, a princípio recalçaram, levando por diante, os postos avançados e toda a linha de vigilância aliada a cargo de Venâncio Flores, cujos batalhões uruguaios, o brasileiro de voluntários e o Regimento de Cavalaria San Martín (argentino) tiveram que recuar em desordem. Ante aquela surpresa, um dos batalhões uruguaios perdeu sua bandeira. Acolhidos pela linha de resistência brasileira, constituída das divisões de Sampaio e de Vitorino e das peças de artilharia de Mallet, estes elementos dispersados se reorganizaram a seguir, voltando a enfrentar os atacantes paraguaios.

Também ante a pressão inimiga recua a divisão de Vitorino e assim achou-se Mallet com as suas 24 peças como que só diante dos soldados de Marcó. É contra as peças de Mallet que vem se desfazer loucamente e em ataques frontais, através dos atoleiros aí existentes, a cavalaria paraguaia. Repellido Marcó, este refluiu sobre a Coluna Diáz, empenhada também em atacar de frente a esquerda brasileira, isto é, a divisão de Sampaio. Mas também aí os banhados e atoleiros ajudaram a nossa valente e incansável "artilharia-revólver" a dizimar a bravura tão mal orientada da cavalaria paraguaia. Assim é de grande justiça salientar o papel proeminente deste 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, cuja sede de paz era a pequena cidade sulriograndense de São Gabriel, naqueles momentos em que todo o primeiro escalão aliado (brasileiros e uruguaios) parecia deixar-se envolver pelas malhas da surpresa do ataque inimigo. Graças aos seus fogos bem conduzidos e ao sangue frio de seus homens, foi Mallet, um dos heróis daquele encontro sanguinolento, o coman-

dante do regimento, promovido a coronel como recompensa à sua atuação intrépida durante a ação. (2).

Apesar de fracassarem os dois ataques, o inimigo procurou generalizar a encarniçada peleja. Foi Sampaio com a sua 3ª Divisão de Infantaria que teve que suportar quase todo o esforço de Diáz e as grandes perdas sofridas; cerca de 1.033 brasileiros fora de combate atestam o seu esforço. Seu comandante, o general Sampaio, foi então mortalmente ferido e teve que ser substituído pelo coronel Jacinto Machado Bittencourt.

Foi quando os ataques da Coluna Bárrios, pelo Potrero Piriz, por onde Lopez pretendia executar o seu esforço principal, começara a querer penetrar pela brecha aberta entre o primeiro escalão (3ª Divisão de Infantaria) e os elementos do segundo (1ª Divisão de Infantaria), a fim de atingir o acampamento. Por duas vezes soldados de Bárrios conseguiram chegar até perto do Estero Bellaco, ameaçando assim seriamente os depósitos de munição e o carroçame dos aliados. Graças à iniciativa de Osório, enviando para fechar a brecha perigosa parte da 1ª e da 4ª Divisões de Infantaria e para enfrentar o ataque de Bárrios, o general José Luiz Mená Barreto com a sua 2ª Divisão de Cavalaria, reforçada pelos elementos ainda disponíveis da 4ª Divisão de Infantaria e da 19ª Brigada Auxiliar de Infantaria do coronel Freitas (anexada à Artilharia do Exército). Para reforçar a Brigada Ligeira de Cavalaria que sob Netto se vira em

(2) General João Borges Fortes e Capão José Faustino Filho, História do "Regimento Mallet". Antigo 1º Regimento de Artilharia a Cavalos. Mandado imprimir por ordem do Exmo. Sr. General José Fernandes Leite de Castro, Ministro da Guerra. Imprensa Militar, Rio, 1932. — Págs. 37 a 38 e 42.

sérios apuros aquém de Potrero Piriz. Osório ainda destinou a 5ª Divisão de Cavalaria, quase exclusivamente a pé. Assim, a um terceiro contra-ataque brasileiro, a coluna Bárrios foi definitivamente repelida para além do Potrero Piriz. A insuficiência de seus meios fizera neste flanco perigoso abortar a vantagem inicial da surpresa, o ataque sobre o flanco aliado e a marcha sobre a retaguarda inimiga.

Empregando judiciosamente suas reservas, Osório salvara a situação diante da incapacidade paraguaia, que não soube tirar proveito da bravura de seus homens e do terreno. E ao comandante do 1º Corpo de Exército brasileiro que Lopez deve, e em grande parte, sem contar os seus erros estratégicos, o fim de todo entusiasmo ofensivo e a permanência até a vitória final aliada dos exércitos invasores em território de sua pátria.

Os aliados tiveram nesta batalha cerca de 3.943 baixas, das quais 996 por morte em combate e os restantes por ferimentos recebidos ou extraviados. O maior quinhão coube aos brasileiros com seus 737 mortos e 2.274 feridos, ao todo 3.011. Os argentinos perderam 2 estandartes de cavalaria e os uruguaios 1 bandeira.

Os paraguaios perderam cerca de 12.000 homens, sendo 4.200 mortos e apenas 370 prisioneiros, quase todos mais ou menos gravemente feridos. Os demais foram encher os hospitais de sangue do Paraguai. Deixaram nas mãos dos vencedores os 4 canhões da Coluna Diás; 4 estandartes, petrechos de guerra e quase 5.000 espingardas, sem contar lanças, espadas, carabinas e sabre-baionetas.

O terreno que, mediante um estudo cuidadoso, deveria ser o auxiliar de Lopez no extermínio

do exército invasor numa guerra defensiva bem conduzida, foi nesta batalha, a primeira travada em Tuiti, o principal causador passivo do fracasso, combinado à sua má economia de forças, causador ativo indireto. O Estudo da História Militar do Paraguai indicaria a outro que não Lopez que o seu plano inicial de aguardar o ataque aliado contra Sauce, para envolvê-lo depois, poderia produzir resultados bem mais positivos que o que o chefe supremo quis ensaiar em Tuiti.

O estudo atencioso do terreno indicaria claramente que a massa envolvente da cavalaria toda deveria contornar o exército aliado pela direita somente. O major Olabarrieta provou praticamente que um tal empreendimento era possível. A cavalaria, que faltou a Resquin nesta contingência, havia sido lançada nos atoleiros ótimamente batidos por Mallet e seus artilheiros que, ao mesmo tempo, dizimavam as colunas de ataque de Díaz e Marcó. Estes deveriam ter apenas fixado a esquerda e o centro aliado com um mínimo de forças. O ataque de flanco de Bárrios, com esforço principal em Potrero Piriz, ameaçaria a retaguarda inimiga com toda a infantaria disponível. Neste momento de crise é que deveria surgir a cavalaria de Resquin com os 8.000 homens de que poderia dispor e executaria assim a manobra envolvente. Esta seria protegida pelos 2 batalhões que recebera e que fixariam os argentinos.

O único resultado alcançado por Lopez foi o de retardar para princípios de 1870 um desfecho que poderia ter sido alcançado, talvez, naquele mesmo ano de 1866. Somente em 22 de julho de 1867 é que o exército aliado conseguiria, iniciando a famosa marcha de flanco de Tui-Cuê, libertar-se do "bêco sem saída" de Tuiti.

O 24 DE MAIO DE 1866

Cel. J. B. MAGALHÃES

(Da 1ª classe da Reserva do Exército)

"And if I were asked what is the greatest factor which contributed to his success I would say moral. I call moral the greatest single factor in war. A high moral is based on discipline, self-respect and confidence of the soldier in his commanders, in his weapons, and himself."

(Normandy to the Baltic — Field Marshal The Viscount Montgomery of Alamein) (1).

A data epígrafe destas linhas recorda acontecimentos ocorridos há oitenta e três anos no vale do Paraguai, quando, em luta ingente e bem cruenta, encerrou-se definitivamente uma fase da vida política sul-americana.

Liquidaram-se então, de uma vez por todas, as heranças da era colonial que traziam os povos da bacia do Prata em perenes perturbações políticas e em dissídios com o Império do Brasil. Hoje, só por aberração ou colapso da inteligência, que não permita compreender e sentir as condições modernas da civilização, a marcha batida em que os povos avançam para um regime novo de vida universal, é que nestas latitudes do mundo alguém poderá pensar em fazer guerra de velho estilo contra os povos vizinhos.

De fato, há três quartos de século iniciou-se lá no Prata e aqui no Brasil a era nova da revolução industrial, não mais medrando o caudilhismo nos Pampas, e os velhos motivos de guerra, por causa do processo de fixação das fronteiras com o Brasil e da formação das nações platinas, deixaram de existir. Os limites entre as diversas soberanias nacionais fixaram-se definitivamente. Consolidou-se a Confederação Argentina sob a hegemonia de Buenos Aires e o Uruguai não

tardou em poder evoluir tranqüilo, de modo a apresentar hoje na América um bom modelo de nação civilizada.

O desenvolvimento das vias férreas foi assinalando, em seguida, uma prosperidade crescente, bem marcada pelo incremento da imigração, e o surto de uma possante economia agrícola. Os povos adquiriram mentalidade nova. Na vida íntima do Brasil tais fatos tiveram uma repercussão profunda, iniciando-se, então, a marcha dos acontecimentos que, cerca de um quarto de século mais tarde, deram na proclamação da República.

Lastimavelmente os resultados daquela imensa tragédia foram alcançados com o sacrifício da Nação Paraguaia, então mal guiada por um governo sem as necessárias qualidades para discernir bem em que consistiam os verdadeiros interesses do seu povo. Sangrada até quase o esgotamento total de sua capacidade vital, ficou demasiado exausta. Muito dificilmente se veio depois refazendo, até que hoje, enfim, pode dar mostras de mais acelerada reconstituição na via dos progressos modernos da civilização.

Nestes fenômenos políticos está, em nosso modo de ver, a maior importância que se deve atribuir à

efeméride histórica de 24 de maio. Importância bem maior que a do fato de se haver travado nos campos de Tuiuti, em 1866, a batalha mais vultosa da América.

Todavia, olhados os sucessos de um ponto de vista histórico-militar, o 24 de Maio tem uma significação também transcendental. Faz-nos pensar no *nosso homem*. Lembra o heroísmo de que Osório, lendário em vida, pelo fulgor dos feitos com que destumbrou a nossa gente, fez-se o símbolo por excelência. Recorda os lutadores que, apesar das hostilidades do meio físico e do contrapêso negativo dos tipos secundários, vieram através dos tempos construindo esta grande Pátria.

A Batalha de Tuiuti, ferida em 24 de maio de 1866, é síntese de tudo isto. Feito glorioso no qual avultou a personalidade de Osório, empolgante dos entusiasmos nacionais, marca o ponto culminante daquela guerra. Com ela se quebraram as veleidades ofensivas de Solano Lopez e completaram os resultados da vitória de Barroso em Riachuelo, que imprimiu novo curso aos acontecimentos.

Quatro nomes merecem ser destacados, sem nenhum menosprezo dos heróis que tombaram e lá ilustraram-se, honrando a Pátria, nesta fase difícil da guerra: Osório, Mitre, Tamandaré e Barroso, aos quais se não pode deixar de juntar o de Caxias, se bem que na fase inicial dos acontecimentos, que a Batalha de Tuiuti demarca e encerra, sua influência houvesse sido apenas indireta ou reflexa.

Tamandaré, gaúcho de origem tão modesta quanto Osório, Almirante feito nas labutas do mar, e marinheiro criado na guerra da Independência, foi depois por seus méritos feito grande do Império, também, como Osório. Ambos no período mais difícil da guerra do Paraguai, quando se forjou a triplice aliança e se constituíram em pleno decurso de operações as nossas forças, souberam apolar-se mutuamente. Com o seu cabal entendimento recíproco foi possível aplacar sérias dificuldades.

Barroso, daquela estirpe lusitana que se fez bem brasileira, soube travar vitoriosa a primeira batalha decisiva da guerra, cujo complemento foi a de Tuiuti.

Mitre foi o chefe da Confederação Argentina. De largo espírito, militar ilustre e experiente das lutas pampeanas, e que tomara parte, como Osório, na batalha de Caseros, a quem coube presidir os sucessos iniciais, soube ver cedo as conveniências de sua Pátria e opôr a Lopes, no momento oportuno, as suas energias nacionais em inteligente e sábia combinação com as do Brasil e do Uruguai. Senhor de uma mentalidade avançada, foi dos que mais cedo e melhor compreenderam no Continente o sentido conveniente da política americana. Comandou em chefe com honra, vencendo com habilidade e denodo as sérias dificuldades iniciais daquela guerra, notadamente as do ambiente político argentino.

Osório foi o anjo da guarda do Brasil, que o aclamou, depois, seu herói predileto. Assumindo o comando das forças brasileiras, por força das circunstâncias, desde o início da guerra, organizou-as, instruiu-as e lhes deu uma alma, a sua alma indomável. Realizou, em nosso modo de ver, a mais difícil tarefa da campanha, a de tornar prodente a aliança política com a fraternidade que soube criar nos campos de batalha entre todos os grupos combatentes. Fez-se o *pivot* destrutivo em torno do qual girou o êxito. Foi político habilíssimo e chefe militar empolgante. Chefe que amalgamou num exército as gentes e coisas que lhe iam sendo lançadas a mancheias, sem método, sem diretrizes, sem ordens, sem nenhuma precisão de idéias, de uma direção de guerra precaríssima. Organizou-as, instruiu-as e levou-as à batalha vitoriosa, afeiçoando-as às condições locais da luta e modernizando velhos métodos de guerrear, conforme os progressos da arte bélica da época. Tal foi a sua ação, neste período difícil, o mais difícil da guerra, que se fez dela o *homem essencial*, e

aos brasileiros, aos uruguaios, aos argentinos, e até aos adversários, impôs a sua magnífica personalidade.

Obtidos os primeiros definitivos resultados, quebrada a capacidade ofensiva do adversário, no embate sangrento de Tuiuti, os esforços sobre-humanos que fizera durante cerca de dois anos de campanha, pois iniciou-a em 1864, no Uruguai, para fazer um exército destemeroso de lutar e capaz de conquistar vitórias, suas forças físicas cederam. Retira-se doente do teatro da luta. Não tarda, porém, a voltar. Não prescinde dele o grande Caxias quando assume o comando das forças brasileiras, como não pôde prescindir dele depois o Conde d'Eu, quando de novo o faz voltar ao teatro da guerra, de onde se havia retirado outra vez, gravemente ferido e enfermo.

Osório e Caxias são dois nomes que se completam na história militar do Brasil, correspondente à fase monárquica de nossa evolução independente. De tal modo isto se dá que não nos parece possível compreendê-los e compreender os fatos históricos dessa época, notadamente de ordem militar, sem o estudo atento de seus procedimentos, de seus feitos e de suas recíprocas relações individuais. Não se fará idéia justa da ação de um, abstraindo do outro, mormente depois que se encontraram na campanha rio-grandense, em combate ao dissídio farroupilha.

De resto, estes dois nomes simbolizam bem o tipo tradicional dos

bons chefes militares brasileiros, entre cujas mais fortes características ressaltam um patriotismo forte e uma probidade sem nuances esmaecentes. Foi fato notável, e notado, no decorrer da campanha de um lustro de luta no vale do Paraguai, que nem um só dos nossos chefes pudesse jamais ser acusado de improbidade, de sômenos escrúpulos, de tolerâncias indevidas, ao passo que se constatou haverem alguns deles, como foi o caso particular de Osório, sofrido sérios prejuízos em sua economia particular.

O 24 de Maio de 1866, síntese de uma época gloriosa, é, portanto, data caríssima aos que amam nossa Pátria e têm na história nacional significados a jamais serem obnublados para o melhor incitamento das gerações novas. Na história americana deve ser recordado, com o espírito de fraternidade, que a evolução dos povos hoje reclama, o espírito de Osório:

"O tempo é das ciências, das letras, da civilização; a força dos governos não reside nas metralhadoras e canhões, nem no despotismo e violência contra os povos; mas, sim, no império da justiça, no respeito ao direito de todos e à liberdade."

Tais palavras, ditas pela boca de um guerreiro vitorioso, no auge da glória, revelam bem a força moral, principal fator de vitórias, como assinala Montgomery, quase um século depois.

TEATRALIZAÇÃO DA BATALHA DE TUIUTI

1º Ten ELTON CARVALHO

(Atualmente Ten-Cel Professor do CMRJ)

Apresentação — Desde a Escola de Sargentos venho procurando transmitir a Educação Moral por meio de situações materializadas. Na data dos nossos grandes feitos históricos, sempre houve lugar para uma teatralização, mais ou menos completa, com o fim de avivar os sentimentos patrióticos dos alunos.

Na Escola Militar, em 1937, consegui, por ocasião da comemoração da primeira batalha de Tuiuti dar relevo a essa teatralização, graças à boa vontade do Major Armando Ancora, de vários oficiais e cadetes.

No ano findo, no 13º RI, encontrei da parte do Capitão Dióscoro Valle, Ten Elton Carvalho e vários outros oficiais uma execução completa para a minha idéia. Dessa execução nos dá notícia perfeita o presente trabalho, a que o jovem tenente Elton empresta o fulgor de seu espírito culto e o ardor de educador esclarecido. O êxito alcançado pela representação no meio civil aconselha que se tome o processo como exemplo para educação moral do soldado e do povo — Coronel T. A. Araripe.

INTRODUÇÃO

Esta teatralização do maior feito do Exército Nacional — a Batalha de Tuiuti — foi realizada no 13º Regimento de Infantaria, no dia 24 de maio de 1941, por ordem do então Comandante do Regimento, Coronel Tristão de Alencar Araripe.

O local escolhido, além de satisfazer plenamente as condições de execução, apresentava um ponto de observação especial, com acomodação até para a assistência (arquibancada do Jôquei Clube Pontagrossense, que fica numa colina).

Todos os fatos de possível representação foram materializados, com exceção do "Térço", a canção dos soldados naquela época, por falta de dados para a sua reconstituição.

Mas os acampamentos dos aliados, as cenas de viola e sanfona, as

cancões dos soldados, a ronda dos sentinelas, a luta em quadrado, a reunião dos generais pra concertar o ataque; o desdobramento do General Osório, e o ferimento do General Sampaio, tudo isto se desenrolou aos olhos da assistência.

Foram convidadas todas as autoridades e personalidades de destaque na sociedade civil, a população pontagrossense, e, especialmente, as crianças do Grupo Escolar General Osório.

A instalação de um microfone e alto-falante no local facilitou sobremaneira a explicação das cenas que se desdobravam. O texto que se segue foi todo lido à proporção que se ia desenrolando a teatralização, com repetição e grifos dos detalhes mais interessantes.

Por vezes a linguagem é prolixa e romântica, mas isto se explica não só pela necessidade de encher

o tempo de deslocamentos dos guerreiros e outras cenas demoradas, como também porque ao mesmo tempo as palavras do texto eram transmitidas pela estação de rádio local para todo o Paraná, o que não permitia tempos vazios de palavras ou de sons.

A MONTAGEM

A montagem definitiva das cenas não exigiu trabalho demorado, nem foi coisa difícil. É um trabalho que qualquer um pode repetir em qualquer lugar, desde que haja boa vontade. Foram utilizadas para ensaios quatro tardes, ou aproximadamente, dez horas, num total de quatro ensaios.

Para idealizar, escrever, montar e realizar a teatralização, foi designada uma comissão, com dois meses de antecedência, constituída de um Capitão coordenador e ensaiador, um Tenente para redação do texto e encarregado da leitura e explicação ao microfone; um Tenente para cuidar das roupagens; um Tenente para simulação dos canhões e estrondos; e um Tenente para fazer os convites e preparar o local da assistência.

Os soldados do curso de Cabo (91) representavam os Soldados brasileiros e paraguaios; os Sargentos monitores (3), os Tenentes; e os Aspirantes (3), os Generais.

Os uniformes velhos e descarregados foram tingidos de vermelho e azul. Os capacetes foram pintados e cortadas as abas para simulação do boné daquela época. Os canhões foram improvisados com rodas de viaturas e troncos de árvores, como se pode ver nas gravuras que ilustram.

O estrondo era figurado por bombas (cabecas de negro) possantes, e a luta dos quadrados foi feita com fuzis dando tiros de festim.

Para que todos acompanhassem com maior facilidade o texto lido ao microfone foram distribuídos aos assistentes libretos mimeografados.

Mas, passemos à teatralização em si.

A BATALHA DE TUIUTI

(Apresentação)

A teatralização que vamos fazer da Batalha de Tuiuti está baseada nas páginas do livro "OSÓRIO E TUIUTI — TUIUTI É OSÓRIO", de Lobo Viana.

Estamos em maio de 1866, no solo paraguaio. Guerreiam o Brasil, a Argentina e o Uruguai, ligados contra LOPES — o ditador paraguaio que invadiu o Mato-Grosso.

Vejamos o acampamento dos aliados:

Vários tratos de terra se espraiam, se distendem, aquém e além do ESTEROS BELLACO e ROJAS, em terrenos rendados de densa mata, onde as lianas e os cipós se cruzam e se entrelaçam em bizarras tramas; ora em terrenos altos, cobertos de palmares ou laranjais decrépitos, extenuados; ora em macegais, atoleiros, charcos, pântanos sem fim, revestidos de esmeraldina vegetação rasteira; ora em lagoas, arroios e esteiros que quase se tocam e se osculam.

A frente, o Estero Rojas; atrás, o Estero Bellaco; à esquerda, a Lagoa e o Porteiro Pires; à direita, a dilatada região pantanosa; ao centro, uma pequena elevação que domina os arredores; mais à frente, uma lagoa que imprime e grava à tóda a região a denominação de TUIUTI.

É neste vasto e extenso taboleiro que o Exército aliado, às 11 horas da manhã de 20 de maio, planta no solo paraguaio as suas barracas. Argentinos à direita, Brasileiros à esquerda e, ao centro, Orientais na extrema esquerda.

Não tivemos sequer a curiosidade, aliás muito natural, de procurar conhecer o segredo daqueles bosques, e deixamos indefesas as brechas, as picadas, os trilhos, as bocainas e os carreiros; isto é, as saídas táticas do Potreiro Pires.

Não postamos ali, nem piquetes avançados, nem sentinelas ao me-

Sobre esse saliente, por essas bocanais, por esses trilhos e por essas veredas indefesas, dentro em pouco irão irromper as unidades paraguaias em doida arremetida.

Os paraguaios:

Enquanto isto, as hostes adversárias estacionam em suas posições adrede fortificadas, cobertas pelos bosques e a mata espessa do Estero Rojas, verdadeira muralha de árvores, arbustos, palmeiras e mato, em apertados tecidos.

No centro, o terreno se eleva numa pequena lomba, tapizada de verdes gramíneas. E do alto dessa lomba se descortinam as posições do acampamento aliado, apesar da cerrada vegetação envolvente. Servindo de obstáculo ao contorno fortificado, corre em frente um largo e profundo fôssco, que as águas do Estero Rojas tornam intransponíveis.

Mais adiante, uma dupla linha de obstáculos a reforça. "A posição representa um entrincheiramento ideal: na frente, a larga faixa da mata; depois, o fôssco aquático, largo e profundo; afinal, a massa cobridora".

Tal é a posição do adversário de que os aliados em vários reconhecimentos, em 22 e 23, tentam em vão descobrir os pontos fracos para poder arpoá-lo em tempo oportuno.

1º QUADRO

(Toque do 13º R1)

Cenário: O Acampamento. — Tarde do dia 23.

Ao centro, a barraca do Comandante. À direita e à esquerda, dois Batalhões da "Divisão Couraçada" do Gen Sampaio, e a Artilharia Malet. Vem chegando a tropa que estivera todo o dia nas avançadas. Vão-se reunir em conselho os chefes aliados.

Ei-los que surgem a cavalo e se dirigem à barraca do Gen Osório.

Osório, Comandante em Chefe do Exército Brasileiro, é o que vem

no cavalo branco. Sampaio, General brasileiro, o do cavalo escuro; Malet, também Gen brasileiro, é o que monta o ginete amarelado.

Vamos ouvi-los:

OSÓRIO: "Depois de amanhã, dia 25, festeja-se o aniversário da Independência argentina. É desejo do General Mitre, Comandante-em-Chefe, comemorar essa data com um ataque às posições paraguaias.

Faz-se necessário, portanto, que cada um realize os seus reconhecimentos, de maneira que à tarde já possamos traçar os planos de ataque, para a madrugada de 25. Vamos aproveitar a noite para tatear as linhas inimigas". (Despedem-se os Generais.)

Noite do dia 23:

Cai uma das noites bonançosas, galernas de maio, banhada pelos raios opalinos de um luar que não se assemelha, se não iguala a outros luars, em que a viola do sertanejo canta o sentimento e a história das florestas em que a cabocla com as tranças amarradas num laço de fita cheirando a mato e a sol, arranca soluços ou sorrisos das notas das violas dos soldados nostálgicos.

Já vai bem alto a lua em plenilúnio, prateando as superfícies das lagoas adormecidas e dos esteros adornados, onde coaxam as rãs e por onde passam em vôos agitados as aves noturnas, acossadas pelo vento e pelo farfalhar das árvores em tórno, quando, às nove horas, se ouve o toque de recolher. (Sentido! Em continência à Bandeira, apresentar arma! Descansar arma!).

"Foram todos os Corpos na frente da Bandeira, e tem início o tórco, velha canção do soldado brasileiro, acompanhado pelas bandas de música de 40 batalhões em presença, invocando a proteção divina".

É nos impossível reconstituir aqui o espetáculo empolgante do tórco, por falta de dados precisos.

E ao toque de ajoelhar corpos todos esses homens que no dia seguinte vão-se bater como leões, se ajoelhariam e, com as mãos musculosas apertando os largos peitos valorosos, suplicariam o perdão pelo sangue que vão derramar de seus irmãos, irmanados na mesma fé, abraçados à mesma cruz.

Misericórdia Senhor Deus, Senhor Deus Misericórdia (é o estribilho da histórica canção). E, logo após, o toque de silêncio se faz ouvir "vibrando a corneta nos ares amortecidos até irem se extinguindo os sons em um soluço longínquo no eterno silêncio da noite.

Enquanto isto, no campo oposto, nos arraiais de Estero Rojas, cenas idênticas se desdobram, em quadros mais ou menos análogos.

A alma paraguaia, embalada no doce misticismo da fé, acalentada, exaltada até o fanatismo religioso, sublimado até as raízes do patriotismo exagerado, a alma paraguaia, batendo asas para o infinito, atormentada na esperança de ressurgir num mundo melhor, mundo de ilusões ilimitadas, a alma paraguaia também orava, também rezava.

Genuflexos, nessa histórica noite de 23, olhos fitos no céu cintilado de estrelas refulgentes, rogavam à mesma virgem, sob a invocação de Itaquã, a sua protetora, implorando a graça de uma vitória completa e fulminante sobre o adversário descuidado.

E do alto do Passo Pocu, o bispo Palácio, de braços estendidos, em largos gestos, lançava-lhes a bênção episcopal.

E o toque de silêncio não se fez ouvir nos arraiais de Estero Rojas.

Por que?

Enquanto os aliados se quedavam inertes, indiferentes, entregues à proteção desse bom Deus, eternamente brasileiro, gozando as delícias do sono, apenas levemente interrompido pelo "tinir das bandoleiras" e pelos gritos de "sentinela alerta e alerta estou" nos falhos postos avançados, os paraguaios se

agitavam em febril agitação, em plena vigília.

Batalhões de Infantaria desfilam e se ordenam em profundidade nos setores previamente determinados; a cavalaria se dispõe em massa, flanqueando as posições aliadas, e a Artilharia em formação de batalha. Eles sabem que vão guerrear no dia seguinte, mas nós não sabemos. Lopes desce de Passo Pocu, acompanhado de seu Estado-Maior e de seu inseparável amigo, o Bispo Palácio, e vem ao Estero Rojas, em pessoa, examinar, dispor ordenar, detalhar.

Fala, arenga as tropas, concitando-as à Vitória.

E os soldados, agulhoados pela cálida eloquência de seu Supremo, juram que cumprirão seu dever até a última gota de sangue.

Por um esquisito fenômeno de sugestão coletiva, por um ascendente irresistível sobre um povo, a ponto de sacrificar seu destino e a valorosa nação paraguaia, esse homem exerce extraordinário e fulminante fascinação sobre essa gente.

Todos o seguem como a um ente sobrenatural; Lopes faz-se adorar.

Passou toda a noite em rígida vigilância, conversando, dando ordens, transmitindo instruções aos seus generais e aos comandantes de unidades.

E assim, o Exército paraguaio, na noite de 23, passou vigilante.

A frente, as sentinelas continuam atentas. No acampamento, o soldado de ronda vela pelos companheiros adormecidos.

Já vai alta a madrugada. Sai o alferes Dionísio Cerqueira, futuro e brilhante General, com uns homens para cortar lenha para o lume do dia.

Continua a ronda e o silêncio da paz sobre as barracas dos leões.

Ouve-se o toque de alvorada... Levantam-se os homens na faina diária.

Continua a calma no acampamento e a paz é a chama que embala a alma dos soldados na doleência de suas canções.

Mas eis que volta um caboclo correndo.

Pelo andar apressado e pela fisionomia agitada, alguma coisa deve estar acontecendo.

— “Sôr Generá! o mato está vermeiando de cabocru...” Osório não cochila. Sai incontinenti a cavalo, galopando para a frente. Vai certificar-se da notícia.

A cortina brumosa vai aos poucos se dissipando, se diluindo; o velário rompe-se em plenos rasgões, “através dos quais um sol rubro cintado por uma faixa esbranquiçada se debruça”.

TUIUTI é um deslumbramento. Uma orgia de luz e de azul. Uma apoteose da natureza ao seu Criador!

De repente, um foguete risca o espaço e estoura; um tiro de canhão atroa, estronda, ribomba.

Soam entre os aliados os toques nervosos de alarme e chamada ligeira.

Correm todos atônitos aos sarihos e aos reparos dos canhões...

São 11 horas e 55 minutos da manhã, quase MEIO-DIA. Vai começar a batalha.

Arremetem os paraguaios pela esquerda.

Continua acesa a luta na frente. A cantiga das balas parece a própria música do fim. Os trovões da maldade e da destruição roncaram na boca dos canhões.

Os quadrados se entrecrocaram; são quadrados de carne em busca da vitória. Há sangue no chão e coragem nos espíritos. Arremetem agora os paraguaios sobre a Divisão Couraçada, de Sampaio; recuam os brasileiros no primeiro instante.

Parece que voltaram atrás, para firmar o pé num impulso maior. E,

ei-los que reagem e fazem voltar os afoitos paraguaios.

Sampaio é ferido pela segunda vez.

Cruza um mensageiro de Osório. Vai levar uma ordem a Sampaio. Nela diz Osório, temendo a sorte da Divisão Couraçada: “Resista a todo o custo!”

O General Sampaio não era homem que recebesse uma advertência daquelas, e fez voltar o mensageiro com as seguintes palavras: “Diga a Osório, que estou cumprindo o meu dever!” Mas é atingido pela terceira vez, e combate, em consequência dos ferimentos com que o condecorou a própria audácia e a coragem inaudita.

Osório que tudo vê, e de tudo sabe, é o Deus providencial.

Parece um fantasma se desdobrando, galopando para todos os lados, intervindo em tôdas as frentes.

Pois, neste momento crítico para as forças brasileira, ei-lo que surge e, tomando a si a direção da “Divisão Couraçada”, lança os comandos de Sampaio em doida arremetida sobre o inimigo.

E aqueles soldados magoados com os ferimentos do chefe, ofendidos com o ultraje da sua retirada de combate, excedem-se em heroísmo, e fazem debandar em louca fuga os valentes e audazes paraguaios.

São quatro horas da tarde.

Arrefece o fogo em tôdas as frentes.

Doze mil inimigos jazem mortos no campo da luta.

Os aliados perderam quatro mil homens e o General Sampaio.

Há um silêncio mortuário na tarde, e corpos estendidos em apoteose à glória de lutar em defesa da Pátria.

Osório ordena o toque de VITÓRIA, e voltam os denodados vencedores ao acampamento.

E agora surgem de todos os lados os heróis de TUIUTI (Homens com bandeiras, e a Banda tocando o Hino Nacional).

Esta alegoria à Bandeira é um estímulo aos que hoje contemplam a magnitude desta Pátria livre e feliz ao balouçar tranqüilo e altaneiro do auri-verde pendão, que a brisa do Brasil beija e balança.

Ergamo-nos de pé. Façamo-lhes a continência em reverência. Prometamos, neste instante de vibração patriótica, conservá-la imaculada; juremos mantê-la soberana e livre, quando em nós lateja a alma dos defensores de TUIUTI, num eco moral.

O heroísmo destes bravos passou de sangue em sangue, de geração em geração.

Comprometamo-nos, pois, perante esta Bandeira sacrossanta a imitá-los em abnegação e desprendimento, se preciso fôr, para que o Brasil marche glorioso e altivo, para que entreguemos aos nossos filhos algo maior do que herdamos dos nossos ancestrais.

E enquanto vibrar em nossos peitos esta chama sagrada de fé e amor patriótico, jamais será ultrajada esta Bandeira com a mácula da nossa covardia, e jamais será abatido este "impávido colosso".

Eia, BRASIL Feliz! AVANTE!

COLABORAM NESTE NÚMERO :

Cel Nelson R. Carvalho

Cel Alfredo Pereira da Conceição (Ex Português)

Cel Ref Ex J. B. Magalhães

Ten-Cel Affonso Von Trompowsky

Ten-Cel Elton Carvalho

Major Moacyr Pereira

Major João Baptista de Oliveira

Cap Henrique Oscar Wiederspahn

Roberto Macedo

Inspetoria de Cavalaria (1940)

EX-LIBRIS



É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos publicados nesta Revista, desde que seja citada a fonte.

Cr\$ 10,00

SMG
IMPRENSA DO EXÉRCITO
RIO DE JANEIRO — 1958